

**CARLOS HENRIQUE GONÇALVES**

**O DISCURSO RELIGIOSO NA REVISTA PORTAS ABERTAS**

**UNIVÁS**

**2013**

**CARLOS HENRIQUE GONÇALVES**

**O DISCURSO RELIGIOSO NA REVISTA PORTAS ABERTAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem para obtenção do Título de Mestre em Ciências da Linguagem.

Área de Concentração: Linguagem e sociedade.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Cláudia Fernandes Ferreira

**Pouso Alegre, MG,**

**2013**

Nome: Gonçalves, Carlos Henrique

Título: O discurso religioso na revista portas abertas

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Vale do Sapucaí para obtenção do título de Mestre em Ciências da Linguagem.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Ana Cláudia Fernandes Ferreira      Instituição: Univas  
Julgamento: \_\_\_\_\_      Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. Lauro José Siqueira Baldini      Instituição: Unicamp  
Julgamento: \_\_\_\_\_      Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Greciely Cristina da Costa      Instituição: Univas  
Julgamento: \_\_\_\_\_      Assinatura: \_\_\_\_\_

Suplente:

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Joelma Pereira de Faria      Instituição: Univas  
Julgamento: \_\_\_\_\_      Assinatura: \_\_\_\_\_

Dizem que por trás de um grande homem existe uma grande mulher. Dedico este trabalho àquela que não somente esteve atrás, mas também aos lados e à frente. Sônia, obrigado pela compreensão e estímulos constantes.

Amplio esta dedicação às nossas extensões: Thalles e Ana Clara como reparação às horas subtraídas de suas convivências.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente agradeço a Deus que na sua bondade me presenteou com o maior bem que um homem possa receber: o dom da vida. Agradeço por ter sido alcançado por sua misericórdia e reconhecê-lo como Pai através de Seu Filho Jesus.

Agradeço à Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Ana Cláudia Fernandes Ferreira pelo tempo de convivência e dedicação a qual não temeu em tomar uma pedra bruta e lapidá-la pacientemente. O tempo não permitiu o término do diamante; a vida, através dos anos vindouros, se incumbirá do restante.

Minha gratidão a cada um dos professores que direta ou indiretamente contribuíram para aumentar minhas indagações. Muitas vezes trouxeram mais questionamentos que respostas. Situação que contribuiu para o avanço da pesquisa. Meu muito obrigado aos colegas do curso que, com suas participações nas aulas, contribuíram para a ampliação de meus conhecimentos e de minha “desconstrução”.

Não posso deixar de mencionar o nome do Pr. Amaury Braga, sinto-me honrado com sua amizade. Na pessoa de quem amplio minhas considerações ao Centro de Convivência Sal da Terra. Obrigado pelo apoio e orações.

Faço externar meus agradecimentos à Missão Portas Abertas, através do Sr. Rodolfo Lauber do Departamento de Comunicação, o qual contribuiu com informações importantes bem como com o envio e indicação de literatura afeta ao tema da pesquisa.

Que Deus os abençoe abundantemente.

*“Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender; e, se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar.”*

Nelson Mandela

## RESUMO

GONÇALVES, C. H. O discurso religioso na revista portas abertas. 2013. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre, 2013.

Esta pesquisa, baseada na Análise de Discurso Pechêutiana, ampliada no Brasil por Orlandi, busca compreender os mecanismos discursivos estampados na revista Portas Abertas, a qual tem como *slogan* “Servindo Cristãos Perseguidos”. Propõe-se a realizar um percurso de maneira concatenada, passando por conceitos afetos à disciplina, contextualizando o nascedouro das religiões Islamismo/Cristianismo cujo precursor está em Abrão/Abraão. Abordar questões referentes à Janela 10-40, tais como localização, bem como o deslizamento conferido a uma mesma pessoa Isa/Jesus e o que tal fato significa. Por fim, promove uma análise dos discursos produzidos pela revista Portas Abertas buscando compreender como tais discursos produzem sentidos e que sentidos são estes. Por se tratar de uma revista de formação discursiva religiosa atravessada pela ideologia cristã evangélica será enriquecedor o caminho a ser trilhado o qual contribuirá para que mais um pouco de conhecimento seja produzido. É esta a finalidade deste trabalho.

**Palavras-chaves:** Discurso-Religioso, Cristianismo, Perseguição-Religiosa

## **ABSTRACT**

GONCALVES, C. H. The religious discourse in the open doors magazine. 2013. Thesis (MA) - University of Vale do Sapucaí, Pouso Alegre, 2013.

This research, based on Discourse Analysis Pechêutiana, expanded in Brazil by Orlandi, seeks to understand the discursive mechanisms printed in the magazine Open Doors, which has as its slogan "Serving Persecuted Christians". It is proposed to undertake a course of concatenated manner, through concepts pertaining to the discipline, contextualizing the birthplace of religions Islam / Christianity whose precursor is Abram / Abraham. Address issues of 10-40 Window, such as location and the slip given to the same person Isa / Jesus and what that fact means. Finally, promotes an analysis of discourses produced by Open Doors magazine trying to understand how such discourses produce meanings and that these meanings are. Because it is a magazine of religious discursive formation traversed by Christian ideology will be enriching the route to be followed which will help more than a little knowledge is produced. This is the purpose of this work

**Keywords:** Speech-Religious, Christianity, Religious-persecution



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>10</b>
<b>2 PESQUISA: A TRILHA DO CONHECIMENTO</b>	<b>13</b>
<b>2.1 ANÁLISE DE DISCURSO: TEORIA-MEIO NA PESQUISA</b>	<b>15</b>
<b>2.1.1 OPACIDADE LINGUÍSTICA: NÃO-TRANSPARÊNCIA INCIDENTE</b>	<b>18</b>
<b>2.2 DISCURSO E FATO HISTÓRICO: O NÃO-DITO</b>	<b>20</b>
<b>2.2.1 A LÍNGUA: CALHA CONDUTORA NO ESTUDO DA LINGUAGEM</b>	<b>26</b>
<b>2.3. HISTÓRIA E IDEOLOGIA: PINOS DE CENTRO NO DISCURSO</b>	<b>26</b>
<b>2.4 QUANDO A PALAVRA É SILENCIADA, O SILÊNCIO É FALADO</b>	<b>29</b>
<b>3 ORIGEM COMPARTILHADA</b>	<b>31</b>
<b>3.1 PORTAS ABERTAS</b>	<b>37</b>
<b>3.1.1 PORTAS ABERTAS NO BRASIL</b>	<b>41</b>
<b>3.2 ISA OU JESUS?</b>	<b>47</b>
<b>4 ANÁLISE DE DISCURSO RELIGIOSO</b>	<b>53</b>
<b>4.1 DELINEANDO O <i>CORPUS</i></b>	<b>54</b>
<b>4.2 IGREJA PRIMITIVA DE PORTAS ABERTAS</b>	<b>58</b>
<b>4.3 REVISTA COM PORTAS ABERTAS</b>	<b>66</b>
<b>4.4 A SERVIÇO DA RESISTÊNCIA</b>	<b>68</b>
<b>4.5 SERVINDO CRISTÃOS PERSEGUIDOS</b>	<b>71</b>
<b>4.6 PORTAS ABERTAS: SENTIDO DE PERSEGUIÇÃO</b>	<b>77</b>
<b>5 CONCLUSÃO</b>	<b>80</b>
<b>6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>82</b>
<b>7 WEBGRAFIA</b>	<b>84</b>

# 1 INTRODUÇÃO

Antes de adentrarmos ao foco central do presente trabalho, convém tratarmos dos raios dispersos desse foco para, com maior concentração de luz, iluminarmos a compreensão objeto da pesquisa.

Sendo assim, estribaremos nossas linhas no discurso religioso, ou seja, “aquele em que fala a voz de Deus” (ORLANDI, 2001a: 243). Este será visto atravessado pela ideologia cristã, quer dizer, aquele em que fala a voz do Deus-Cristão. Em síntese, o Deus da Bíblia, dos Cristãos. Nesse discurso Deus é o locutor.

Vencendo esta etapa, propomos no capítulo vestibular analisar como o conhecimento sobre o discurso religioso é produzido, a maneira como as dúvidas suscitadas requerem respostas e como contribuem para novas questões. Como escolher o assunto e a forma de se debruçar sobre ele com a finalidade de aglutinar saberes que repousam sobre o assunto/objeto pesquisado.

O presente trabalho visa conhecer o tipo de ideologia que norteia o segmento religioso cristão, que “*luta para que a libertação cristã possa ser alcançada*”, com o argumento de que a luta não é contra carne ou sangue. Seria uma luta ideológica?

Para tal análise, devemos pensar na relação do discurso religioso produzido entre os locutores, *in casu*, os editores da revista Portas Abertas e seus leitores, quer sejam agremiados cristãos protestantes, quer sejam outros leitores, e buscar compreender os efeitos de sentidos que esses discursos produzem.

Face à importância concentrada no discurso religioso, este tem sido objeto de estudo das mais diferentes áreas do saber em razão de sua complexidade e presença maciça em nossa sociedade. Vemos que isso não se faz diferente na linguística e na Análise de Discurso, em que o tipo de discurso religioso tem chamado a atenção de analistas, dentre eles Eni Orlandi, vez que não são poucas as obras por ela escritas que tratam deste tipo de discurso.

O percurso proposto se faz a partir da linha de pesquisa Análise de Discurso, do Mestrado em Ciências da Linguagem, e se baseia nos caminhos percorridos pelos estudos

de E. Orlandi e M. Pêcheux, buscando pensar a relação existente entre linguagem e sociedade, e visando uma melhor compreensão da vivência de grupos religiosos que se opõem.

O discurso religioso é, certamente, uma linha mestra de caráter convincente, na qual, o locutor (homem) está falando em nome de Deus. Nesse discurso o processo manipulativo se faz presente, vez que Deus já falou no passado, não fala hoje, portanto, silencia e o homem, obedece sem restrições à ordem dada pela autoridade divina.

Em nome de uma religião, calcada em cima de um discurso, pessoas têm sacrificado a própria vida e levado, consigo, a vida de outras pessoas em prol de uma crença religiosa, de uma manipulação discursiva.

Sobrevoaremos conceitos da análise de discurso que contribuem exponencialmente para a compreensão dos discursos produzidos pela revista *Portas Abertas*. Veremos assim a questão da opacidade linguística; o que é dito é esquecido para que volte a (se) dizer; como a ideologia produz evidências; e a interpelação promovida pelo discurso religioso. Tudo isso tendo a língua como duto condutor.

No capítulo seguinte traremos, perfunctoriamente, a gênese do Islamismo, bem como o nascimento do Cristianismo. Abordaremos essa gênese com uma visão panorâmica, pois apesar de ter uma importância didática e ilustrativa, não é o objeto central da pesquisa.

Promoveremos ainda a contextualização da Organização *Portas Abertas*, responsável pela edição da Revista, a partir da qual foi construído o *corpus* do presente trabalho. Mostraremos o surgimento da *Open Doors International* e, em seguida, o surgimento da Missão *Portas Abertas* no cenário nacional. Avançando, teremos conhecimento de uma região, chamada “Janela 10-40” onde existe uma minoridade de cristãos.

No quarto capítulo, nos dedicaremos à análise do *corpus* definido, ou seja, o espaço da revista *Portas Abertas*.

Apresentaremos um ponto a ser examinado sobre a questão da dominação. Situação vivenciada no Brasil, pelos índios, a partir do processo de colonização (ORLANDI, 2008) em que a expansão da Coroa atrelada aos ensinamentos catequéticos propiciou conflitos e, conseqüentemente, resistências. A dominação continua produzindo ecos. Esses ecos se repetem e se (re)significam, podendo ser facilmente compreendidos no discurso religioso.

Declinaremos nossa atenção a *slogans* da revista *Portas Abertas*, bem como a palavras como ‘perseguição’, ‘cristãos’, ‘irmãos’ e ‘resistência’, por exemplo. O primeiro

enunciado “A Serviço da Resistência” e, posteriormente, “Servindo Cristãos Perseguidos”. Para tanto abordaremos perfunctoriamente o nascimento da Igreja Primitiva.

Conforme exposto, teremos a revista *Portas Abertas* como material a ser analisado. Como se trata de um espaço que apresenta o discurso religioso atravessado ideologicamente pelo cristianismo, tendo a Bíblia como bússola, entendemos ser necessário utilizar o Livro dos Cristãos como *corpus* auxiliar à presente pesquisa. Situação que, indubitavelmente, cooperará para compreender as propostas pensadas.

## 2 PESQUISA: A TRILHA DO CONHECIMENTO

Orlandi e Guimarães (2006b: 143) ensinam que o percurso do conhecimento leva em conta a necessidade de distinguir o que vem com a tradição no conhecimento e a inserção de elementos novos na reflexão. Torna-se mister verificar o que já foi produzido a nível de conhecimento observando o que outros pesquisadores produziram. Em seguida, em cima dessa produção, erigir um aparato necessário para novos conhecimentos, ou seja, para produzir novos saberes partindo daquilo que se tem sabido.

No que tange aos estudos da linguagem, salientam os autores, é necessário saber, por um lado, que as teorias disponíveis são, dentre outras: cognitivas, empíricas, materialistas. A teoria cognitiva, por exemplo, possui como objeto de conhecimento as estruturas mentais. As teorias empíricas baseiam-se nas práticas das línguas. E as teorias materialistas estudam o funcionamento do simbólico tomado na sua historicidade.

Por outro lado, é importante não ficar estagnado apenas no que se sabe, “mas procurar produzir um conhecimento que não se sabe ainda” (ORLANDI & GUIMARÃES, 2006b: 144).

Este segundo foco (produzir novo conhecimento) está relacionado com o anterior, pois uma vez sabendo o que já foi produzido, pode-se adotar uma teoria, observar seus métodos procedimentais e avançar na produção do saber que ainda não se sabe sobre o tema. Isso depende do “aprender” a pesquisar/fazer pesquisa científica. Esse saber não implica o que uma pessoa, isoladamente, não sabe, mas um saber ignorado pela comunidade científica. A pesquisa é aqui entendida como práticas científicas de “como conhecer e de como produzir conhecimento” (*ibidem*).

Fazer pesquisa é escolher um assunto e dentro desse assunto, uma questão que tenha interesse científico, mas que ainda não tenha resposta. E isso deve ser feito tomando um ponto de vista teórico, assumindo um ponto de vista metodológico, sustentando a análise de materiais na teoria/metodologia escolhida, que desaguará em um determinado modo de interpretação de resultados. Neste processo, ao progredir no conhecimento produzido, o pesquisador se preparará para um aprofundamento em questões mais complexas a nível metodológico e teórico.

Segundo os autores, esse progresso de pesquisa pode ser individualizado pelo pesquisador, ou, como é o mais comum atualmente, com um grupo de pesquisadores. Assim, com a convivência grupal, aprende-se a fazer ciência.

E com a linguística não é diferente. Embora o seu estudo como disciplina científica tenha surgido no século XIX, o interesse pela linguagem remonta à antiguidade.

Orlandi & Guimarães (2006b) relembram que a Grécia pôde contribuir para o avanço na pesquisa e produção de conhecimento que desembocou no campo fértil da gramática. Uma das grandes evoluções tecnológicas da humanidade, e na retórica, que surge como a arte de ensinar técnicas de convencimento dos ouvintes, pelo orador.

Também na antiguidade, lembram os autores, a Índia desponta, no campo religioso, com a produção de conhecimento dentro do que hoje é chamado de fonologia, visando uma maior exatidão nos sons produzidos de cânticos sagrados.

Contudo, somente no início do século XIX a linguística se constitui e se significa como disciplina científica. Ela nasce através do método comparativo com o objetivo de poder “reconstruir o passado linguístico das línguas europeias e asiáticas” (ORLANDI & GUIMARÃES, 2006b: 147).

Com a contribuição de Ferdinand de Saussure que, de certo modo, ligou a tradição alemã com a francesa, desponta uma nova teoria, baseada na distinção entre língua (objeto da linguística) e fala. Saussure, citado por Orlandi & Guimarães, caracteriza a língua “como forma e não substância, constituindo um sistema de signos” (2006b: 147). Desta forma, a língua é definida como fato social. Para ele, no funcionamento da língua, não se trata de considerar aquilo a que as formas foram, mas aquilo que elas são (pelo valor que elas têm no sistema) em dado momento pelo que têm naquele “dado momento” da história.

O Curso de Linguística Geral de Saussure tornou-se o ponto inicial da linguística moderna contemporânea. Em cima dos seus conhecimentos produzidos, outros pesquisadores apoiados nas conclusões saussurianas, contribuíram com um desdobramento dos estudos científicos da linguagem. Novas teorias surgiram trilhando novos caminhos.

Dentre essas teorias, surge a Análise de Discurso, para a qual a língua é atravessada pela história e pela ideologia. No entanto, o objeto de estudo não é a língua, mas o discurso, sendo o fundador dessa disciplina Michel Pêcheux. O discurso, para a Análise de Discurso, é pensado de na relação entre língua e histórica.

A história, na Análise de Discurso, não é tomada como algo definido, temporal, mas em uma especificidade ideológica cuja materialidade é social e ideológica.

Orlandi & Guimarães (2006b), ao fazerem um percurso sobre a história dos estudos da linguagem, salientam a relação entre teoria/método/objeto nos ensinamentos da linguagem. Desta forma, para os autores, em ciências da linguagem, teoria e método precisam, necessariamente, caminhar juntos.

Os autores nos mostram, desse modo, que, na construção do saber, conhecimentos são produzidos, (re)tomados, (re)formulados e, às vezes, afastados. O saber se constrói em permanências e concomitâncias. Da proximidade dessas pesquisas há aproximação e distanciamento, bem como novas modificações, além de embates e debates teóricos que aparecem e retornam.

Diante da necessidade de se buscar novo conhecimento, segundo o que apontamos anteriormente, trilharemos esta pesquisa tendo a Análise de Discurso como teoria-meio.

## **2.1 Análise de Discurso: teoria-meio na pesquisa**

Conforme Orlandi (2010), a Análise de Discurso não se detém em saber o que é a gramática, o que é a língua, embora estas lhe interessem. Contudo, busca conhecer sobre o discurso. Este, no sentido de curso, de percurso, sendo, portanto, a própria palavra em movimento. Desse modo, compreender o discurso, para a Análise de Discurso, considerando que o discurso é o seu objeto, é compreender a língua fazendo sentido na história. Orlandi expõe que a “Análise de Discurso visa a compreensão de como os objetos simbólicos produzem sentidos” (2010: 26). Compreender não é simplesmente interpretar, mas buscar compreender os sentidos produzidos por determinado objeto simbólico. Uma vez compreendido como esse objeto simbólico funciona produzindo efeitos, o que será interpretado não é o objeto simbólico, mas o resultado da análise.

O discurso é atravessado ideologicamente. Porém, o sentido de ideologia não é o do senso comum e nem é compreendido tal como as ciências sociais, por exemplo, a compreendem. O conceito de ideologia é (re)significado em Análise de Discurso:

“A ideologia (...) não é vista como um conjunto de representações, como visão de mundo ou como ocultação da realidade. Não há, aliás, realidade sem ideologia. E enquanto prática significativa, a ideologia aparece como efeito da relação necessária do sujeito com a língua e com a história para que haja sentido.” (ORLANDI, 2010: 48).

Orlandi (2010) ensina que a materialidade específica da ideologia é o discurso e a deste, a língua. O tripé língua/discurso/ideologia é pensado em relação à interpelação do indivíduo em sujeito pela ideologia, através do simbólico. É desse modo que a língua faz sentido. Assim, o texto, para a Análise de Discurso, não é transparente, cabendo ao analista enxergar *como* determinado texto significa e não *o que* tal texto significa. Assim, discursivamente, a linguagem produz sentido. E esse sentido apenas é confeccionado porque sua produtora (linguagem) está inscrita historicamente.

Orlandi destaca que “a análise de discurso não estaciona na interpretação, trabalha seus limites, seus mecanismos, como parte do processo de significação” (2010: 26). Desta maneira, há necessidade de considerar aspectos como o contexto, a inteligibilidade e se o objeto simbólico é interpretável/compreensível, por exemplo, pois, uma vez que o objeto simbólico produz sentido, cabe à Análise de Discurso compreender como ele produz sentido.

Desse modo, para realizar uma análise, torna-se mister observar as condições de produção do material que se vai analisar. Estas compreendem fundamentalmente os sujeitos, a situação e a memória. As condições de produção podem ser observadas em sentido estrito (contexto imediato) e sentido amplo (contexto sócio-histórico, ideológico). Nessa linha de entendimento, a memória é pensada como interdiscurso, ou seja: “aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente” (Orlandi, 2010: 31).

Em relação a isso, Pêcheux *apud* Orlandi (2012: 57) expõe que

“o discurso não é independente das redes de memórias e dos trajetos sociais nos quais ele irrompe, mas, só por sua existência, ele marca a possibilidade de uma desestruturação-reestruturação dessas redes e trajetos. É um efeito das filiações sócio-históricas de identificação e, ao mesmo tempo, um trabalho de deslocamento no seu espaço.”

Orlandi (2010: 32) retomando Courtine traz que o interdiscurso pode ser representado por uma linha vertical que contém todos os dizeres já ditos e esquecidos, inseridos na historicidade/memória (representando os ditos já esquecidos), ao passo que o intradiscurso (formulação) estaria conjugado em uma linha horizontal, representando o dizível, ou seja, o que se está falando naquele instante, sob certas circunstâncias. No momento em que essas linhas se cruzam surge um espaço enunciativo propenso à análise.

O interdiscurso pode ser definido “como todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos” (ORLANDI, 2010: 33).

No discurso, segundo Pêcheux *apud* Orlandi (2010), pode-se distinguir dois esquecimentos. Por questões didáticas inverteremos a ordem numerada. O esquecimento



número dois, segundo o autor, é da ordem da enunciação. Pensa-se que só se pode dizer de uma determinada maneira, quando, na realidade, há outras construções parafrásticas à disposição do sujeito. Trata-se de um esquecimento parcial, semi-consciente, porque podemos voltar sobre eles algumas vezes para reformular o que foi dito.

Já o esquecimento número um é de ordem discursiva, da instância do inconsciente. É também chamado de esquecimento ideológico, por ser afetado diretamente pela ideologia. Imagina-se o dito como original, quando, na verdade, retorna-se a sentidos pré-existentes. Com isso, o funcionamento da linguagem estará sempre em uma tensão que envolve processos parafrásticos e polissêmicos. As várias formas de dizer o mesmo constituem os processos parafrásticos, pois, em todo o dizer, há sempre algo que se mantém, alimentado pela memória. Em oposição, estão os processos polissêmicos, os quais apresentam um deslocamento de processos de significação jogando com o equívoco. Estes garantem que um mesmo objeto simbólico passe por diferentes processos de (re)significação.

Os sentidos sempre podem ser outros uma vez que são determinados ideologicamente e através da história. Toda leitura, discursivamente, é histórica e não meramente cognitiva. Com isso, conclui-se que toda palavra fala por intermédio de outras palavras. Assim as mesmas palavras inscritas em formações discursivas diferentes apresentarão outros significados. Orlandi assevera que “não há discurso sem sujeito” tampouco “sujeito sem ideologia” (2010a: 47).

E, por formação discursiva, a autora entende que ela

“dispõe sobre o que o sujeito pode e deve dizer em uma situação dada numa conjuntura dada, de tal forma que, remetendo seu discurso à ideologia, essa formação fará que suas palavras tenham um sentido e não outros possíveis. É pela remissão à formação discursiva que se identifica uma fala.” (ORLANDI, 1987: 17-18).

O sentido não está “pronto”. Tampouco “à disposição”. Não está acabado. Constitui-se nas relações de outros sentidos, e de sujeitos. E estes, por conta das formações discursivas a que se filiam e aos sentidos em que são inseridos.

O sujeito funciona, nas atuais condições históricas, em uma relação de contradição, enquanto sujeito de direitos e deveres. É livre para falar, porém, sujeito assujeitado pela/na língua, na história. No discurso religioso (situação que abordaremos no momento oportuno) o sujeito funciona sob uma transparente dependência divina. Embora usemos as mesmas palavras, os sentidos são outros, haja vista que o valor/significado do que é falado está relacionado ao lugar em que o sujeito está inserido.

A Análise de Discurso, *a priori*, constitui um *corpus* não seguindo critérios empíricos (positivistas), mas teóricos. Após a constituição do *corpus*, analisa a superfície linguística, ou seja, o material bruto coletado para a análise, preparando-se para falar não sobre o texto e sim sobre os discursos funcionando nele, ou seja, a análise é feita sobre a superfície linguística relacionada à sua exterioridade.

Os textos estão em relação com outros textos; os discursos com outros discursos. Estas relações produzem efeitos. Assim, “o leitor comum fica sob o efeito dessas relações; o analista (ou o leitor que conhece o discurso) deve atravessá-los para, atrás da linearidade do texto (seja oral, seja escrito), deslindando o novelo produzido por esses efeitos, encontrar o modo como se organizam os sentidos” (ORLANDI 2010: 89) contribuindo para sedimentar o saber produzido por aqueles que se detém a olhar um texto saindo da superficialidade deste, já que, discursivamente pensando, a linguagem não é transparente.

### 2.1.1 Opacidade linguística: não-transparência incidente

Levando-se em conta que a linguagem não é transparente, mas opaca, verifica-se a necessidade de uma ciência para pensá-la considerando essa opacidade. A análise de discurso considera a linguagem dessa maneira ao buscar compreender como um objeto simbólico – enunciado, texto, pintura, música ... – produz efeitos.

Dentro desse modo de compreender a linguagem, devemos levar em consideração aquilo que Pêcheux *apud* Orlandi chamou de pré-construído, ou seja, “o que remete a uma construção anterior, exterior” (2010: 89) e que incide na formulação. Orlandi, ao discutir sobre esse conceito, lembra que:

“se do ponto de vista linguístico o pré-construído responde a formas sintáticas (como encaixe, as nominalizações, as construções com epítetos), apresentando um elemento como se já estivesse lá, do ponto de vista discursivo, mostra que sempre há a relação com o elemento prévio ao discurso, não asseverado pelo sujeito, não submetido à discussão e já esquecido em sua origem e que, no entanto, funciona no dito.” (ORLANDI, 2001a: 18).

Orlandi apresenta um estudo intitulado “O Discurso Religioso”. Nesse estudo, a autora toma “como referência, sobretudo o discurso religioso cristão – particularmente o católico” (2001a: 243). O discurso religioso cristão católico está no entremeio de dois planos: temporal e espiritual. Conforme escreve Orlandi, a relação com o sagrado, na messe

temporal se dá através dos representantes da Igreja Católica: Papa, Bispo e os Padres. Na seara espiritual, “a relação se faz pelos mediadores: Nossa Senhora, os Santos” (ORLANDI, 2001a:246).

Jesus estaria à parte, pois

“sendo o Deus que habitou entre os homens, não é representante nem mediador. Sua natureza é particular, pois, embora seja a parte acessível a Deus, é o próprio Deus” (*ibidem*).

Do ponto de vista do discurso cristão evangélico, Jesus também estaria à parte, mas de modo diferente, porque ele também é representante e mediador, porque ele é Deus, representa o próprio Deus.

A revista *Portas Abertas*, que constitui o material discursivo a ser analisado, é atravessada pela ideologia evangélica. Para esse ramo cristão, a cruz tem o mesmo significado demonstrado pelo catolicismo romano com uma variante. A cruz é apresentada vazia, quer dizer, sem a imagem do Cristo crucificado. Jesus não está mais na cruz, passou por ela. Está vivo, pois Deus o ressuscitou dos mortos, de acordo com os ensinamentos da Bíblia.

Essa diferença evidencia a ressurreição enquanto a morte com efeito de pré-construído. O apóstolo Paulo escrevendo pela primeira vez a Timóteo, expõe no capítulo 2, versículos 5 e 6<sup>1</sup>, que somente Jesus é mediador entre Deus e os homens. O livro de Hebreus, no capítulo 8, versículo 6<sup>2</sup> também se refere a Jesus como sendo o mediador entre os dois planos: temporal e espiritual. O mesmo termo referindo-se a Jesus também pode ser encontrado no capítulo 9, versículo 15<sup>3</sup>. Finalizando, temos, ainda na carta aos Hebreus, capítulo 12, versículo 24<sup>4</sup> Jesus como o mediador da nova aliança.

Os autores dos textos apresentados na revista *Portas Abertas*, ao escrever, imbuídos da ilusão de serem originários da fala, inconscientemente, não percebem que a língua é opaca. A não-transparência remete a uma construção pretérita – a não-transparência diz respeito a equivocidade da língua e da história, demonstrando a relação prévia do escrito com aquilo que foi dito em outro lugar. Em sua fala, não conseguem dizer “tudo” frente à incompletude da língua, logo aquilo que não se consegue dizer constitui o “não-dito”. E o

<sup>1</sup> Porque há um só Deus, e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem, o qual se deu a si mesmo em resgate por todos, para servir de testemunho a seu tempo.

<sup>2</sup> Mas agora alcançou ele ministério tanto mais excelente, quanto é mediador de superior aliança, que está firmada em melhores promessas.

<sup>3</sup> Por isso ele é o mediador de uma nova aliança, para que, intervindo a morte para remissão dos pecados que havia sob a primeira aliança, os chamados recebam a promessa da herança eterna.

<sup>4</sup> a Jesus, o Mediador de uma nova aliança, e ao sangue da aspersão, que fala melhor do que o de Abel.

jogo com o “não dito”, é pensado aqui em termos discursivos, Da perspectiva discursiva, consideramos que o discurso da revista *Portas Abertas* – cuja análise se encontra à frente – é afetado pela historicidade, atravessado pela ideologia religiosa cristã evangélica de um modo que é diferente da ideologia religiosa cristã católica.

## 2.2 Discurso e fato histórico: o não-dito

No texto “Delimitações, Inversões, Deslocamentos”, de Michel Pêcheux (1990), o autor apresenta três acontecimentos históricos que mostram como o imaginário afronta o real na medida em que a linguagem “especifica a existência do simbólico para o animal humano” (PÊCHEUX, 1990: 8): A Revolução Francesa de 1789, as revoluções socialistas do século XIX e as revoluções do século XX, originárias da Revolução de 1917.

Pêcheux relaciona esses episódios ao que ele chama de espectros, apontando para as várias direções do termo: como “a figura fantasmática do espírito dos mortos”, como “o velho truque de fantasmagoria”, e como “a tentação de alguma coisa como ‘a análise espectral’ das revoluções”. Ao mobilizar os diversos sentidos da palavra “espectro”, o autor mostra como as revoluções concernem ao ponto de contato entre o visível e o invisível, entre o existente e o alhures, entre o não-realizado e o impossível, entre o presente e as diferentes modalidades da ausência (*ibidem*). Desse raciocínio, o autor insere uma questão intrigante. O fato de o real e o imaginário serem atravessados pela linguagem ocasionando implicações no simbólico.

Sobre isso, escreve Pêcheux:

“(…) toda língua está necessariamente em relação com o “não está”, o “não está mais”, o “ainda não está” e o “nunca estará” da percepção imediata nela se inscreve assim a eficácia omni-histórica da ideologia como tendência incontornável a representar as origens e os fins últimos, o alhures, o além e o invisível” (PÊCHEUX, 1990: 8).

Para Pêcheux, expressões como “o povo”, “as massas”, “o proletariado”, “a luta de classes” dentre outras, que definem as “parcelas”, não podem ser concebidas como conceitos, sem disfarces. São abstrações que, no entanto, têm uma eficácia concreta e essa eficácia concreta é marcada nos deslocamentos e disfarces que afetam a representação de um processo revolucionário para os seus próprios atores (PÊCHEUX, 1990: 8-9).

A Revolução Francesa, cujo termo “francesa” é deslocado para “burguesa”, é oriunda da tomada de poder pela classe burguesa que estava em conflito com a dominação feudal-monárquica. É uma revolução interna, democrática e popular. Para Pêcheux, é considerada uma revolução linguística também,

“posto que a “mudança de mundo” (materializada em alguns anos pela queda da realeza e a construção de um novo aparelho político, jurídico-administrativo e militar), é também profundamente marcado pela empresa política do “francês nacional”” (PÊCHEUX, 1990: 9).

Os senhores feudais e a realeza supunham “a existência real de uma barreira linguística” que os separavam das massas, as quais, não teriam aptidão para se comunicar realmente entre si. Esses “dois mundos” eram atravessados por um terceiro, a ideologia religiosa. A ideologia religiosa tinha o condão de, ilusoriamente, apresentar um bloco coeso, forte, unindo os dois mundos: os nobres e as massas, insurgindo um terceiro mundo invisível que, em seus rituais (cerimônias e festas), inseria no real um “corpo social unificado, radioso, transfigurado, que manifesta o *inexistente constitutivo* da sociedade feudal” (PÊCHEUX, 1990: 10).

A Revolução Francesa marca a queda da ideologia religiosa feudal. A classe dominante até então apresentava um poder sobre as classes dominadas mediante ilusões e imagens. A revolução leva a uma mudança em que o não-realizado/impossível passa a ter um novo tipo de relação com alhures e o inexistente, definidos como “o “nós”, o “todos”, e o “cada um” nas assembleias, as festas revolucionárias, o novo exército... e a língua nacional” (*ibidem*). Conforme o autor:

“o feudalismo havia mantido a ordem dominante *traduzindo-a* em formas específicas (representações, imagens) destinadas às classes dominadas. A particularidade da revolução burguesa foi a de tender a absorver as diferenças rompendo as barreiras: ela universalizou as relações jurídicas no momento em que se universalizava a circulação do dinheiro, das mercadorias... e dos trabalhadores livres” (PÊCHEUX, 1990: 10).

Com a revolução deixa de haver uma luta entre dois mundos atravessados por uma barreira linguística. Agora, as lutas ideológicas se dão em um mesmo mundo, com uma mesma língua: “não mais o choque de dois mundos, separados pela barreira das línguas, mas um confronto estratégico em um só mundo, no terreno de uma só língua, tendencialmente Una e indivisível, como a República” (PÊCHEUX, 1990: 11).

Após explicar sobre a Revolução Francesa, Pêcheux emerge seus pensamentos na revolução socialista a partir do século XIX. No caso da Revolução ocorrida na França, a

burguesia sob a máscara de uma aliança, buscou aproximar-se do povo, com o fito de romper com a antiga dominação. Pêcheux acrescenta que a política burguesa seguiu outras vias em outros países, mas teve o mesmo efeito fundamental: “organizar uma nova divisão da sociedade, sob a cobertura de uma unidade formal fundada no Direito” (PÊCHEUX, 1990: 11).

Essa unificação formal passa pela difusão da língua nacional ao “proclamar o ideal de igualdade frente à língua como uma das condições efetivas da liberdade dos cidadãos” (*ibidem*), desaguando em uma desigualdade real reproduzida por uma divisão no ensino da língua/gramática. De outra banda, a democracia burguesa apresenta ao proletariado, de forma bastante sutil, através da ideologia jurídica, uma barreira política invisível, que, aliada às fronteiras econômicas, “oculta” a manobra patrocinada pela exploração capitalista.

Aqui a barreira invisível não separa dois “mundos”. Pelo contrário, ela funciona como uma linha móvel que atravessa a sociedade (o “mesmo mundo”), sendo que as mesmas palavras, de um e de outro lado da linha, possuem sentidos diversos. Segundo Pêcheux,

“esta estratégia da diferença sob a unidade formal culmina no discurso do Direito, que constitui assim *a nova língua de madeira da época moderna*, na medida em que ela representa, no interior da língua, a maneira política de negar a política”. (*ibidem*)

Em relação às revoluções do século XX, Pêcheux começa observando que a “subserção da base do modo de produção capitalista, tal como o esperavam os revolucionários da época de Marx, não ocorreu” (PÊCHEUX, 1990: 13), uma vez que o nascedouro do sistema socialista se deu às margens da atuação capitalista, mais precisamente nos espaços coloniais onde a monarquia imperava.

Uma semelhança com a Revolução Francesa é observada no campo da língua

“com a preocupação de criar novas condições linguísticas necessárias ao exercício do novo poder do Estado, com suas ramificações geográficas e culturais, e de organizar uma administração apta a dirigir o país, um exército capaz de defender sua independência” (PÊCHEUX, 1990: 13).

O caminho entendido como necessário à libertação nacional passa pela alfabetização, escolarização e difusão cultural da língua nacional.

Uma diferença importante é que a União Soviética procura “salvaguardar as diferentes línguas” (*ibidem*), fato marcante se comparado à ausência desta preocupação na Revolução Francesa. Há desse modo, desde o início, uma contradição entre a necessidade de

uma língua, o russo, como a língua política, administrativa e militar da URSS, e as outras línguas.

Os socialistas imaginavam que a utopia sonhada alcançaria o mundo como um todo, mas ela foi “atacada em suas zonas de desenvolvimento, e não dinamitada no seu centro” (PÊCHEUX, 1990: 13). O socialismo quando não era restrito pelo capitalismo, estava contido dentro do capitalismo. Desta forma, um cerco visível é erguido, separando os sítios de atuação socialista margeados pelo sistema capitalista. Ao lado disso, também foram sendo construídas fronteiras internas.

Nos extremos dessas fronteiras ”a mesma palavra, a mesma frase não têm, de novo, o mesmo sentido” (PÊCHEUX, 1990: 15).

Através das análises dessas revoluções, Pêcheux infere que “desde o século XVIII feudal-monárquico, mudanças de forma e desordens topológicas afetaram o trabalho do ‘inexistente’ e do ‘irrealizado’ nos discursos revolucionários” (1990: 15).

A esse respeito, e pensando a mundialização, escreve Orlandi:

“O próprio da luta ideológica, diz Pêcheux, sob a dominação burguesa, consiste em desenrolar-se em um mundo que não acaba nunca de se dividir em dois. Isto, com a mundialização, radicalizou-se: o mundo está sempre se dividindo, concretamente, mas ideologicamente só existe Um” (ORLANDI, 2012: 31).

Para Pêcheux é fundamental pesquisar a “origem” dos discursos revolucionários, sua constituição na relação “com o inexistente, com a irrealidade e com o impossível” (1990: 16).

Nesse ponto percebe-se um ciclo reincidente onde a quebra, o ato falho, pode gerar rompimento com o mesmo, conjecturando o início de uma nova situação, chamado *acontecimento histórico*. Conforme Pêcheux é nesse momento que surge o *porta-voz*, significado como “ator visível e testemunha ocular do acontecimento” (PÊCHEUX, 1990: 17).

Pêcheux trouxe três acontecimentos históricos demonstrando que o discurso revolucionário nasce em uma situação de resistência. Nessa linha de pesquisa, o autor salienta o embate travado pelas ideologias antagônicas e pelas ideologias internas, dirimindo conflitos/suscitando lutas, constantemente. Não se tem como delimitar tal ação, pois por mais barreiras que existam, a ideologia é capaz de atravessá-las. E ao atravessá-las, novas divisões internas surgem e, com estas, outras barreiras são erguidas com o objetivo de serem suplantadas ou não!

Conforme viemos salientando no decorrer desta pesquisa, o foco é o discurso pautado na formação discursiva religiosa atravessado pela ideologia cristã evangélica presente na revista *Portas Abertas*. O discurso religioso cristão tem sua gênese no cristianismo, cuja religião teve início na pessoa de Jesus Cristo. Esse galho religioso surgiu em resistência aos ensinamentos pautados em uma religiosidade, um não-conformar-se com a situação daquela época. Houve um rompimento com o mundo temporal, derivando uma nova forma de relacionamento com Deus.

No texto de Pêcheux (1990), a resistência era tida por conta de uma parcela da população dominar a outra. Desde os primórdios, o ser humano tem esse intento. As lutas de classes promoveram um rompimento com a dominação anteriormente constituída e patrocinaram outras formas de dominação. Pêcheux apontou a Religião e posteriormente o Direito como formas de promover essa ruptura ideológica. Desta maneira, para o autor a resistência está em

não entender ou entender errado; não ‘escutar’ as ordens; não repetir as litanias ou repeti-las de modo errôneo, falar quando se exige silêncio; falar sua língua quando como uma língua estrangeira que se domina mal; mudar, desviar, alterar o sentido das palavras e das frases; tomar os enunciados ao pé da letra; deslocar as regras da sintaxe e desestruturar o léxico jogando com as palavras ...

E assim começar a se despedir do sentido que reproduz o discurso da dominação, de modo que o irrealizado advenha formando sentido do interior do sem-sentido (PÊCHEUX, 1990:17).

Podemos inferir que, nas três revoluções estudadas por Pêcheux, a resistência se deu através das formações ideológicas, tendo a religião presente na maioria das vezes, mas, de modos diferentes. Com relação à revista *Portas Abertas*, em seu *slogan* “A serviço da resistência” o sentido para resistência é outro e em outras condições de produção. Essa resistência é atrelada à pregação do Evangelho.

Aqui inferimos o “Cristo” que, tendo existido ou não tal como a Bíblia o descreveu, significa como acontecimento. A história pensada discursivamente “não é seu conteúdo mas seu funcionamento que nos interessa” (ORLANDI, 2012: 20). Jesus, além de filho de Deus, e de ser tido por muitos como profeta, ainda recepciona a figura do porta-voz que, enquanto “ator visível e testemunha ocular do acontecimento”, ao falar “em nome de...”, produz um efeito antes de tudo visual. Este efeito visual

“determina esta conversão do olhar pela qual o invisível do acontecimento se deixa enfim ser visto: o porta-voz se expõe ao olhar do poder que ele afronta, falando em nome daqueles que ele representa, e sob o seu olhar. Dupla visibilidade (ele fala diante dos seus e parlamenta com o adversário) que o coloca em posição de negociador potencial, no centro visível de um ‘nós’ em formação e também em contato imediato com o adversário exterior ” (PÊCHEUX, 1990: 17).



B. Conein *apud* Pêcheux (1990: 18) assenta que não se falam mais os políticos ao povo, derivando a fala ao porta-voz. Também a fala do povo é silenciada. Apresenta, ainda, a impossibilidade de o povo assumir a posição de porta-voz. Posição esta, acrescenta Pêcheux, equiparada a do profeta, no discurso religioso; a do dirigente, no discurso classista e a do homem do governo, no discurso estatal:

“O destino do porta-voz circula assim entre a posição do profeta, a do dirigente e a do homem de Estado, visto que ele é o ponto em que “o outro mundo” se confronta com o estado de coisas existente, o ponto de partida recíproco no qual a contradição vem se amarrar politicamente a um ‘negócio de Estado’” (1990: 18)

O livro de Hebreus apresenta no capítulo 1, versículos 1 e 2 que

“havendo Deus outrora falado muitas vezes, e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, a nós falou-nos nestes últimos dias pelo Filho, a quem constituiu herdeiro de tudo, por quem fez o mundo”.

Desta maneira Jesus Cristo, discursivamente, é compreendido como porta-voz do discurso religioso cristão. Ademais, o cristianismo surgiu em um período de dominação do Império Romano. Com o seu surgimento, rompeu naquele espaço de significação, marcado pela resistência ao império dos homens, um novo ramo religioso, ocasionando uma cisão religiosa entre os judeus e os seguidores da nova doutrina pautada nos ensinamentos de Cristo, o porta-voz de Deus.

Jesus deixou o seu lar original e veio a este mundo na forma divina e humana, pois foi gerado pelo Espírito Santo no ventre de uma mulher, unindo o espiritual e o temporal. A finalidade era ensinar como relacionar-se com Deus culminando com a morte na cruz, expiando o pecado da humanidade. Assim, a mesma pessoa – Jesus – possuía a natureza divina e humana/temporal. Jesus apresentou Deus de uma maneira diversa da então conhecida, ou seja, rompeu a religiosidade e instituiu um relacionamento com o Pai.

Pêcheux, em seu texto, faz uma aproximação ao que estava acontecendo na França, em maio de 1980 quando fala que se “os discursos do nosso tempo com pretensão revolucionária persistem obstinadamente em não compreender esses deslocamentos que trabalham sob sua própria lógica estratégica, tudo leva a crer que eles terminarão por desvanecer-se na proliferação vazia” (1990: 19).

Tais escritos apontam para a análise que apresentamos posteriormente, o poder utiliza a língua para (se)significar.

### 2.2.1 A língua: calha condutora no estudo da linguagem

Diferente da posição de Saussure, na teoria discursiva, a língua não é um sistema fechado. Pelo contrário, é um sistema que funciona pela incompletude: a língua é sujeita a falhas. Nas palavras de P. Henry *apud* Orlandi, a língua é “relativamente autônoma” (2009:12). Para Orlandi (2009), essa falha, essa incompletude da língua não é vista como defeito, mas como qualidade inerente, que instaura o lugar do possível.

Orlandi (2009: 16), através de suas pesquisas com povos indígenas, pôde realizar importantes compreensões sobre o funcionamento da língua, que a levou à distinção língua imaginária/língua fluida. A autora postula que a língua imaginária “é a língua sistema, a que os analistas fixam em suas sistematizações, são artefatos (simulacros) que os analistas de linguagem têm produzido ao longo de sua história e que impregnam o imaginário dos sujeitos na sua relação com a língua” (2009: 18). Ao passo que a língua fluida “é a língua em movimento, mudança contínua, a que não pode ser contida em arcações e fórmulas, não se deixa imobilizar, a que vai além das normas” (*ibidem*). Trabalhar com essa tensão entre as duas, língua fluida/língua imaginária é o desafio para a nossa capacidade de compreender. Para compreender não podemos olvidar que o discurso é atravessado pela ideologia.

### 2.3 História e Ideologia: pinos de centro no discurso

Orlandi (2008) apresenta um trabalho intitulado *Terra à vista*, buscando compreender a luta ideológica entre os descobridores e os nativos. Quando portugueses adentraram ao território brasileiro, esse acontecimento discursivo atrelado à ideologia colonizadora reportou em conquista, uma vez que aquilo “que é visto ganha estatuto de existência” (ORLANDI, 2008: 17). “Ver”, no contexto da expressão “terra a vista” é uma forma de apropriação, aquilo que se encontra próximo aos olhos e que está ao alcance das mãos, objeto de conquista. Quando os portugueses avistaram a costa brasileira, entendiam-na suscetível de ser conquistada. Com o envio de missionários, o discurso da dominação – pela religião/ocupação – passou a funcionar como se fosse evidente. Desta forma, o discurso da catequização significa conquista.

Orlandi, ao discorrer sobre a questão da história e dos sentidos, traz, com base em Paul Henry, que a história é estabelecida por esses sentidos e que, discursivamente, ela não é definida de maneira cronológica, não é constituída sobre acidentes ou acasos, e não é evolução. Para a Análise de Discurso, a história é produção de sentidos. Ela (história) faz/reclama sentidos. Não há história sem sentido, visto que a história é atravessada pelo discurso. Essa discursividade é constituída “na própria tessitura da materialidade linguística” (ORLANDI, 2008: 35).

Começaremos a fazer nossas observações pautadas na Análise de Discurso, procurando atingir a historicidade dos textos produzidos pela revista *Portas Abertas*. E para atingir a historicidade não basta considerar os textos em si mesmos, mas a discursividade funcionando neles, que só pode ser compreendida ante o olhar do analista de discurso.

Ao tratar a linguagem como fato, ao invés de concebê-la como dado, a Análise de Discurso proporciona um modo ímpar de construir um método de compreender os objetos de linguagem. Em sua origem, resvala o político que é o dissenso, o litígio, ou seja, “compreender as formas textuais de representação do político” (Courtine *apud* Orlandi, 2008: 31).

A materialidade da linguagem (do discurso) – linguística e histórica – possibilita à Análise de Discurso fundar “uma nova percepção do político” (ORLANDI, 2008: 31). Situação que desemboca no deslocamento do que é considerado “linguístico”, “político” e “histórico”, ocupando, a Análise de Discurso, o entremeio entre a linguística e as ciências das formações sociais, materializando o ponto de “contato entre o ideológico e o linguístico” (*ibidem*).

Para as ciências sociais, a linguagem é tomada como transparente. Fato refutado pela Análise de Discurso, para a qual a opacidade linguística é constitutiva.

A Análise de Discurso irá estabelecer questões para a linguística e para as ciências sociais, problematizando para estas duas disciplinas o modo pelo qual sujeito e linguagem são concebidos.

A linguagem é tomada como a materialidade do discurso enquanto que o discurso é o lugar em que a ideologia se materializa.

A Análise de Discurso inclui o sujeito de forma diversa daquela, mormente conferida pela linguística. Ao incluir o sujeito, a Análise de Discurso o (des)centra. O sujeito não é o centro, não é a fonte, não é o responsável pelo sentido que produz. Mas faz parte do contexto. Ademais, o sentido não “se apresenta como transparente” (ORLANDI, 2008: 31).

Assim, o estudo sobre o discurso não visa o sentido propriamente dito, “mas aprender a sua historicidade, o que significa se colocar no interior de uma relação de confronto de sentidos” (ORLANDI, 2008: 42).

Em relação à ideologia, Não se parte dela para a compreensão do discurso; pelo contrário trafega-se na via oposta. A ideologia, que se materializa pelo discurso, é considerada em relação à questão do poder.

“A ideologia se produz justamente no ponto de encontro da materialidade da língua com a materialidade da História” (ORLANDI, 1997: 20). O discurso é o lugar onde se dá esse encontro. Assim, nesse espaço – condição de produção de sentido por sujeitos e para sujeitos – pode-se observar o ponto de articulação da materialidade língua/história. E o discurso religioso está significando na/pela história produzindo sentidos, afetados pela ideologia cristã.

Destarte, a ideologia não é vista como dissimulação. A ideologia permite

“uma injunção à interpretação, já que o homem na sua relação com a realidade natural e social não pode significar; condenado a significar, essa interpretação não é qualquer uma, pois é sempre regida por condições de produção de sentidos específicos e determinados na História da sociedade” (ORLANDI, 2008: 43-44).

Tais exposições contribuem para a compreensão de que a ideologia trespassa o ponto do sentido produzindo *uma* interpretação que se mostra como *a* interpretação. Esse é um dos pilares que sustentam o discurso atravessado pela ideologia, *in casu*, o discurso religioso.

Toda vez que emergem questões sobre a gênese do brasileiro, o discurso da (des)coberta produz eco. E toda vez que se busca compreender os sentidos produzidos pelo discurso religioso cristão, a figura de Jesus emerge produzindo ecos/significando, pois estão presentes a memória discursiva e a memória bíblica.

Sustentando nas exposições acima, entendemos a ideologia como um artefato de dominação.

Os missionários que aqui chegaram, puderam ver outro discurso para a “terra à vista” que, diria, deriva para “alma à vista”. De terra não habitada – espaço para ser ocupado/dominado – discursivamente, podemos inferir para corpo inabitado, ou melhor, alma, a ser ocupada/salva, e também dominada.

Da mesma forma que o discurso da descoberta significa conquista, o discurso religioso cristaliza um discurso da dominação.

O imaginário que se constrói a partir dos textos da revista *Portas Abertas* permite compreender a luta ideológica de cunho religioso. Luta esta que, muitas vezes, calada continua significando, pois quando a palavra é silenciada, o silêncio é falado.

#### 2.4 Quando a palavra é silenciada, o silêncio é falado

Orlandi (2008), também reflete sobre outra vertente do não-dito, o silêncio. Segundo a autora, a linguagem é política, porque o sentido tem sempre uma direção, é sempre dividido. E o silêncio trabalha aí.

Orlandi distingue três formas de silêncio: *silêncio fundador*, *silêncio constitutivo* e *silêncio local*. Os dois últimos, também chamados de *política do silêncio*, se inscrevem no domínio do poder-dizer e imprimem um recorte entre – o dito e o não dito – no seu modo de significar: o silêncio constitutivo tido como “a parte do sentido que necessariamente se sacrifica, se apaga, ao se dizer” (2008: 57), e o silêncio local: “Esse silêncio é o que é produzido ao se proibir alguns sentidos de circularem” (*ibidem*). Já o primeiro, o silêncio fundador, “não recorta: ele significa em si” (ORLANDI, 2008: 59). Ainda segundo a autora:

“Na perspectiva de nosso trabalho, importa menos saber o que ficou silenciado e mais a própria política da palavra: que “x” se disse para não se dizer “y”? Como esse “y” silenciado acaba por significar ao longo das diferentes falas e dos seus apagamentos?” (*ibidem*).

Conforme apontaremos no tópico “Isa ou Jesus?”, ao falar Isa, Jesus é silenciado/apagado. De outra banda, ao falar Jesus, Isa fica silenciado/apagado. Desta maneira, no discurso evangelista, o silenciamento de outras divindades se faz necessário para que a pessoa de Cristo possa ecoar, significar.

A proposta de trabalho sobre o silêncio de Orlandi procura assim explicitar “os próprios mecanismos de funcionamento dos diferentes processos de significação que mostram o silêncio (que os constitui)” (2008: 58).

Ainda através das reflexões da autora, o silêncio é responsável por conter, delimitar, o sentido. O sentido é cerceado pelo silêncio constituído, regulando o tráfego do sujeito pelas várias formações discursivas. O silêncio gera zonas de sentidos a que o sujeito é tolhido de ocupar. Há duas faces do silêncio. A que apaga sentidos e a que cria/explicita a resistência.

Esse modo de trabalho com o silêncio também é discutido por Orlandi em relação ao discurso religioso:

“Do ponto de vista da Análise de Discurso, pode-se dizer que Deus é o lugar da *onipotência do silêncio*. E o homem precisa desse lugar para (instituir) uma sua fala específica” (ORLANDI, 1987a: 8).

A respeito dessas questões, podemos dizer que, quando o pregador<sup>5</sup> diz “x” é preciso observar o que não está sendo dito, bem como os processos que o levaram a dizer “x” e não dizer outra coisa. Esse será o caminho trilhado para compreender a discursividade no espaço de significação da revista *Portas Abertas*.

Para conhecer/compreender o fundamento da linguagem é imprescindível levar em conta os seus processos de produção. Não bastam, simplesmente, seus produtos, mas é preciso considerar a “maneira” pela qual esses produtos foram processados.

Inocentemente somos levados a dedicar mais atenção ao “conteúdo” produzido. Por esse viés a indagação costumeiramente construída refere-se ao que aquele produto/conteúdo “quer dizer”. Este é o modo pela qual as ciências sociais, de um modo geral, trabalham. De outro lado, a Análise de Discurso desloca esse olhar buscando compreender o funcionamento discursivo.

Para a Análise de Discurso, forma e sujeito são determinados historicamente quanto aos processos de constituição. Com isso a base é material, ou seja, linguística e histórica. Desaguando na materialidade do discurso.

Trazendo um pouco mais de luz para o foco desta pesquisa, passaremos a trabalhar a “pré-origem” do cristianismo, pois conforme alhures mostrado, sua origem se dá na pessoa de Jesus Cristo: sua “pré-origem” remonta a Abrão; o mesmo ocorrendo com o islamismo. Com isso, tanto o cristianismo quanto o islamismo possuem uma origem compartilhada. Tal investidura se torna necessária para compreendermos um pouco do processo de constituição de sentidos do *slogan* “servindo cristãos perseguidos” textualizado pela revista *Portas Abertas*.

---

<sup>5</sup> Pregador entendido como o propagador do discurso religioso, independentemente, da linha teológica adotada.

### 3 ORIGEM COMPARTILHADA

De acordo com o relato bíblico<sup>6</sup> trazido no Livro de Gênesis, havia um homem conhecido pelo nome de Abrão, que recebeu a orientação divina de sair de sua terra, do meio de sua parentela, para ir a um lugar que Deus lhe mostraria. Com isso, tem início a trajetória de um grupo de pessoas que deixaram sua região natal para uma caminhada em busca de uma terra prometida.

Abrão tinha setenta e cinco anos quando saiu de sua localidade em companhia de Sarai, sua esposa, um sobrinho de nome Ló e todos os bens que haviam adquirido. Tempos depois, por questões familiares, Abrão se separa de seu sobrinho e continua sua peregrinação rumo a Canaã – a terra reservada por promessa.

Posteriormente, em visão, Deus diz a Abrão para não temer essa peregrinação, pois Deus era o escudo dele e que o galardão/herança de Abrão seria muito grande. Isso leva Abrão a reclamar que não tinha descendentes. Assim, Deus lhe faz uma promessa dizendo que Abrão teria um herdeiro. Embora Abrão questionasse não ter “filhos” Deus lhe diz que teria “filho”.

Nesse diálogo humano/divino/humano Abrão recebe a orientação de que Deus o havia tirado da terra de Ur dos caldeus (lugar onde vivia) para lhe dar uma terra por herança. Terra que a princípio não teria a descendência abrahâmica, uma vez que não tinha herdeiro direto. Contudo, segundo a Bíblia, tal feito veio, tempos depois, a acontecer.

O tempo passou e sua esposa Sarai, que já era de idade avançada, não engravidou. Havia uma mulher por nome de Hagar, escrava da família. Sarai convenceu seu esposo Abrão a se envolver com a serva de origem egípcia para que esta lhe gerasse descendentes, pois naquela época o fato de a mulher não gerar lhe causava profunda vergonha. E para o homem era extremamente importante gerar descendência, podendo, inclusive, tomar a escrava para esse deslinde.

---

<sup>6</sup> A Bíblia não será utilizada de forma dogmática e sim como espaço discursivo de histórias e mitos, em que algumas informações encontram confirmação arqueológica e outras não. Ainda que várias passagens não sejam passíveis de aferimento, a questão é que, verdadeiras ou não, elas significam. Todos os versículos utilizados no presente estudo foram retirados da Bíblia de referência Thompson, com tradução de João Ferreira de Almeida, Edição Contemporânea, salvo quando outra fonte for informada.

Deste relacionamento, Hagar engravida. Abrão estava com oitenta e seis anos quando a criança nasceu. Ao conceber, Hagar passou a desprezar a sua senhora, Sarai. Esta, indignada com a situação, praticamente expulsou a criada gestante para o deserto.

Em uma fonte de água junto ao deserto, o Anjo de Deus encontra Hagar e se inteira da história. Nessa conversa, o Anjo lhe diz que a criança se chamará Ismael. Depois disso, Hagar retorna ao convívio de seus senhores (Abrão e Sarai).

Treze anos mais tarde, Deus aparece a Abrão identificando-se como o Deus Todo-poderoso. Nesta conversa, Deus lhe muda o nome de Abrão para Abraão dizendo a ele que estaria colocando-o por pai de muitas nações. Assim, Deus estabelece uma aliança com Abraão. Ainda nesse diálogo, Deus também muda o nome de sua mulher, Sarai para Sara, dizendo que a abençoaria e ela lhe daria um filho. Deus ainda indicou o nome da criança: seria um menino e lhe poriam o nome de Isaque.

Lembramos aqui o que diz Altusser a partir de Orlandi (2001a: 241):

“Segundo esse autor, “Deus define-se portanto a si mesmo como sujeito por excelência, aquele que é por si e para si (Sou Aquele que É) e aquele que interpela seu sujeito (...) eis que tu és: és Pedro”. Mas ainda, todo “indivíduo é chamado pelo seu nome no sentido passivo, nunca é ele que dá a si próprio o seu nome”. O indivíduo não nomeia nem a si próprio nem a Deus: por outro lado, Deus nomeia, não é nomeado”

Nos casos dos exemplos de Abraão e Sara, Deus (re)nomeou os nomes. Dizemos (re)nomeou porque segundo a Bíblia “O Senhor me chamou desde o ventre, desde as entranhas da minha mãe fez menção do meu nome” conforme apresentado no livro escrito por Isaías, capítulo 49, parte final do versículo primeiro. Com isso, vemos, biblicamente, que Deus nomeia o indivíduo ainda no ventre materno. Desta forma, sendo Deus quem nomeia no útero, logo, ele (Deus) tem o condão de (re)nomear quando necessário.

Não foi somente o casal que teve seus nomes mudados por Deus. A Bíblia relata outras personagens: Jacó (enganador) para Israel (príncipe exaltado). Até mesmo nome de Jesus (Deus salva) – informações extraídas do Livro de Mateus, capítulo 01, versículo 21 – foi mudado. Segundo foi profetizado por Isaías no capítulo 7, versículo 14, ele se chamaria Emanuel que, traduzido, significa Deus conosco, conforme exposto no Evangelho narrado por Mateus capítulo 1, versículo 23.

O nome Sarai tem por significado algo próximo ao sentido de “contenciosa”<sup>7</sup>. Posteriormente, com a troca efetuada por Deus, passa a significar “princesa”<sup>8</sup>. O mesmo

<sup>7</sup> Disponível em <http://www.bibliapedia.com.br/dicionario/Sarai/>, capturado em 19/05/2012.

<sup>8</sup> Idem.



ocorrendo com seu esposo Abrão – “pai exaltado”<sup>9</sup>, para Abraão – que nas palavras de Deus, significa “pai de muitas nações te tenho posto”, conforme o livro de Genesis, capítulo 17, parte final do versículo 05.

Abrão (pai exaltado) precisaria sofrer uma deriva para Abrão (pai de muitas nações) juntamente com Sarai (contenciosa) para Sara (princesa), pois desta forma a “pré-origem” estaria fundada em um pai de muitas nações (o que veio a se concretizar na vida de seus filhos Ismael e Isaque) e em uma princesa, silenciando a contenção gerada com a escrava Hagar.

No cristianismo, Emanuel (Deus conosco) tem a personificação divina em Jesus. Destarte, o Filho representa a presença de Deus (Deus conosco) e o nome do Filho – Jesus – a missão pela qual o Filho veio (Deus salva) conforme entendimento extraído dos escritos milenares.

Retomando o nome Emanuel a voz de Deus se fala no profeta Isaías, por se tratar de um discurso religioso. O profeta não é Deus, mas é usado por Deus para que Deus (se) fale por intermédio do profeta. Assim, podemos dizer que a voz do profeta é a voz de Deus.

A esse respeito, vale lembrar o que diz Orlandi sobre o padre: “quando digo que a voz de Deus se fala no padre, é “como se” Deus falasse: a voz do padre é a voz de Deus” (2001a: 244). Portanto, ao falar, o profeta estava imbuído de exteriorizar a voz de Deus. Ou seja, Deus estava falando no/pelo profeta. O profeta era silenciado, para que a voz de Deus aparecesse. O profeta era o porta-voz de Deus.

Na qualidade de porta-voz, o profeta atuava como representante de Deus. Com isso, a voz dele era a voz de Deus. Inferimos que padre e profeta ocupam o mesmo lugar, ou seja, são representantes de Deus, pois “na ordem temporal, a relação com o sagrado, por exemplo no catolicismo, se faz pelos *representantes* da Igreja: Papa, o Bispo, os Padres” (ORLANDI, 2001: 246).

O caso de Jesus é um caso atípico, pois ao falar em nome de Deus, ele – Jesus – fala em nome próprio porque além de porta-voz, também é Deus. Percebemos o lado paradoxal uma vez que representa e ao mesmo tempo é. Discursivamente o mesmo sujeito ocupa dois espaços de significação. Espaços estes que são aproximados, mas também “distanciados” uma vez que, enquanto porta-voz, Jesus cristaliza no plano temporal e, quando Deus, no eterno. Assim, a fala de Jesus significa como orientação/ensinamento divino na seara humana, bem como humana na seara divina, espiritualmente pensando.

---

<sup>9</sup> Disponível em <http://www.bibliapedia.com.br/dicionario/Abrão/>, capturado em 19/05/2012.

Nos tempos bíblicos Jesus como porta-voz se colocava como aquele que dizia tudo o que tinha ouvido do Pai (Deus). Sendo Deus uma trindade – Pai, Filho e Espírito Santo – em comunhão, podemos pensar que, ao falar do Reino de Deus, Jesus estaria falando como representante desse reino. Todavia ao ser intitulado Reis dos reis e Senhor dos senhores (conforme livro de Apocalipse, capítulo 19, versículo 16), seria em seu próprio nome. Percebemos a dificuldade em separar uma fala da outra, pois esse porta-voz – Jesus – representante e ele mesmo mesclam-se na mesma pessoa. Oxalá um estudo mais acurado possa nos promover a resposta.

Atualmente a figura do porta-voz, no discurso religioso cristão, fica a cargo do padre, do pastor e, neste trabalho, a cargo da Revista Portas Abertas. Destarte, o porta-voz toma o lugar de mediador e é ele que irá dizer as interpretações de sua autoria. Essas interpretações são dotadas de silêncios, pois apagam sentidos e evidenciam resistências.

A Revista Portas Abertas já traz um sentido de interpretação evidenciado pela ideologia a qual está sendo atravessada. A ideologia trespassa o ponto do sentido repercutindo *uma* interpretação que se mostra como *a* interpretação.

Assim, podemos dizer que a revista Portas Abertas funciona hoje como porta-voz (representante) de Deus e, ao mesmo tempo, dos “cristãos perseguidos”, colocando-se no lugar de poder dizer: “enquanto nossos irmãos tiverem de enfrentar a perseguição, nosso objetivo será levar até a sua casa o clamor deles por meio desta revista” (PORTAS ABERTAS, vol. 29. n. 9:11).

No mesmo texto encontramos “Revista Portas Abertas: dando voz aos perseguidos” (PORTAS ABERTAS, vol. 29. n. 9:11):

“criada um ano após a fundação da Missão Portas Abertas, a publicação sempre teve como alvo dar voz aos cristãos perseguidos. Durante esse tempo, **Deus tem usado suas páginas para voltar os olhos da Igreja Livre para a parte do Corpo de Cristo que sofre por causa da fé**” (*ibidem* – grifo nosso).

Retornando à história de Abraão e Sara, assim sucedeu, quer dizer, lhes nasceu um filho, o qual recebeu no nome de Isaque, o nome indicado por Deus. Abraão tinha cem anos quando o filho de Sara nasceu e ela estava com noventa anos.

Está estabelecido o conflito. Um esposo, duas mulheres e dois filhos. Como Ismael era mais velho que Isaque, zombava deste, aproveitando-se de seus anos de experiência. Fato que desagradou profundamente à Sara, mãe de Isaque.

Novamente Sara se revolta com a situação e procura Abraão para por fim àquela celeuma. Sob a orientação divina, Abraão despede Sara e Ismael que saem errantes pelo

deserto de Berseba, levando com eles um pote com água para aliviar o sofrimento e desconforto pela escassez de chuvas, naquele lugar estéril e pouco habitado.

Tempos depois toma uma mulher da terra do Egito por esposa de Ismael. Dessa união nascem doze filhos. Ismael viveu por cento e trinta e sete anos. Da família de Ismael descendem os povos árabes. Ou seja, uma grande descendência proveio de Ismael.

E com Sara, a vida prosseguiu. Isaque cresceu, casou-se. Desse casamento foram gerados dois filhos, sendo um por nome de Esaú e outro por nome de Jacó. Jacó teve doze filhos. Dentre os seus filhos, encontra-se Judá que nomearia, tempos mais tarde, o povo judeu. Compondo a árvore genealógica de Jacó, apoiado em informações constantes na Bíblia, depara-se, no futuro, com Jesus Cristo, fundador do cristianismo.

Assim, tanto árabes quanto judeus possuem um ancestral em comum, uma origem compartilhada, estando na pessoa de Abraão a gênese desses dois povos unidos pelo sangue e apartados pela luta. Maomé descendeu de Ismael, o primeiro filho de Abrão (antes da mudança do nome) ao passo que Jesus Cristo veio de Isaque, o segundo filho de Abraão (nome alterado por ordem divina).

O Cristianismo, conforme alhures mencionado, se originou na pessoa de Jesus Cristo, tendo suas procedências na própria religião dos hebreus, a qual, em apertada síntese, ensinava a crença em um só Deus e que este mesmo Deus um dia viria à terra (Emanuel – Deus conosco), sob forma humana – seria o *Messias* (hebraico), *Cristo* (grego) para, conforme exposto na Bíblia, salvar a humanidade – Jesus – Deus salva. Tanto *messias* quanto *cristo* significam “ungido” em suas respectivas línguas.

O próprio nome de Jesus fora dado por instrução divina, conforme encontramos no evangelho escrito no livro de Mateus, capítulo 01, versículos 18 ao 25 a seguir transcrito:

“Ora, o nascimento de Jesus Cristo foi assim: Estando Maria, sua mãe, desposada com José, antes que coabitassem, achou-se grávida pelo Espírito Santo.

Então José, seu marido, sendo justo e não querendo difamá-la, resolveu deixá-la secretamente.

Projetando ele isto, em sonho lhe apareceu um anjo do Senhor, dizendo: José, filho de Davi, não temas receber a Maria, tua mulher, porque o que nela está gerado é do Espírito Santo;

Ela dará à luz um filho e lhe porás o nome JESUS; porque ele salvará o seu povo dos pecados deles.

Tudo isto aconteceu para que se cumprisse o que foi dito da parte do Senhor, pelo profeta:

A virgem conceberá, e dará à luz um filho, e o chamarão pelo nome de Emanuel, que quer dizer: Deus conosco.

E José, despertando do sonho, fez como o anjo do Senhor lhe ordenara, e recebeu a sua mulher;

E não a conheceu até que ela deu à luz seu filho. E ele lhe pôs o nome Jesus.”

Destarte, conforme acima expusemos, a partir das reflexões de Orlandi (2001), “Deus nomeia”.

No livro de Atos capítulo 11, versículo 11 os discípulos de Jesus Cristo, pela primeira vez são chamados de cristãos. Destarte, o termo “cristão” (no grego *christianous*) se compõe da palavra grega que significa ungido mais a terminação latina que significa “partidário de”. Desta forma, em Antioquia (conforme o texto bíblico em apreço), alguém inventou uma nova palavra que ainda está em voga. Assim, os seguidores de Cristo, são identificados como cristãos. Com isso, encerramos a descrição da nação (não no sentido de Estado – nação no sentido de descendes).

De outro lado, segundo o historiador Tapajós (1972: 57), os árabes de origem semita, no século VI, divididos em urbanos (vivendo em cidades tais como Meca e Iatreb) e beduínos (nômades no grande deserto da Arábia) viviam em tribos, onde o xeque era a autoridade máxima em cada uma delas.

Ao contrário dos hebreus que seguiam uma religião monoteísta os árabes seguiam uma religião politeísta que ascendia a trezentos e sessenta deuses, cujas imagens eram depositadas na *Caaba*, um templo de forma cúbica erigido em Meca. Anualmente os árabes nômades visitavam Meca, em peregrinação, “para orar diante da pedra negra e da fonte, que, segundo tradições, haviam surgido no deserto para matar a sede e o cansaço de Ismael e Hagar, os ancestrais do povo árabe” (TAPAJÓS, 1972: 57).

Na cidade de Meca, no ano de 570 ou 571, nasceu *Mohammed* ou *Maomé*, filho de Abdalá e Aminta. Maomé ficou órfão aos seis anos de idade, herdando apenas alguns camelos e uma escrava. Fato que o levou a ser criado pelo tio, Abu-Talib. Tempos mais tarde começou a trabalhar com uma rica viúva por nome de Khadija, com quem veio, posteriormente, a se casar.

No tempo de trabalho como guia de caravanas, Maomé teve oportunidade de percorrer a Arábia inteira, tendo contato com os mais diversos povos das mais diversificadas religiões.

Maomé tinha por costume adentrar a uma caverna para, solitariamente, orar e meditar. Numa dessas empreitadas, teria sido visitado por um ser luminoso que seus parentes insistiram ser o Anjo Gabriel. Esse ser celestial lhe ordenou pregar a religião que unificaria o povo árabe. Segundo Tapajós, essa religião compartilhava um pouco de cada uma das religiões que Maomé conhecera por conta das viagens em caravanas, e recebeu o nome de *Islamismo*, oriundo de *Islam* que quer dizer submissão à vontade divina.

Posteriormente, com um exército bem estruturado, Maomé invadiu Meca, destruindo os ídolos que estavam na *Caaba*, deixando apenas a pedra negra e a fonte, objetos que eram considerados sagrados. Antes de sua morte, havia conseguido unificar todo o povo árabe de modo a se curvar ante a *Alá*. Desta forma, a religião islâmica, aparentemente, é muito simples, também é monoteísta (cultuam a *Alá*), tendo Maomé como o Grande Profeta, conforme leciona Tapajós (1972: 58).

A Bíblia é o livro que regra as diretrizes para os cristãos ao passo que para os muçulmanos, suas condutas são regradadas pelo Alcorão. Dois livros antagônicos entre si, mas que produzem certos efeitos de sentidos. Por exemplo, a normatização.

Após tecermos estas linhas sobre as origens do cristianismo e do islamismo trataremos à baila a origem da Instituição Portas Abertas incumbida pela edição e circulação da revista Portas Abertas, *corpus* da presente pesquisa.

### 3.1 Portas Abertas

Portas Abertas Brasil é o nome dado a uma organização nacional responsável pela edição da revista que será tratada no presente trabalho. Essa é a nomenclatura utilizada no Brasil. Em contexto mundial, *Open Doors International*. A Missão Portas Abertas ou Portas Abertas Brasil atua em conjunto com a *Open Doors International*, uma entidade sem fins lucrativos registrada nos Estados Unidos.

A Portas Abertas Internacional se coloca como uma entidade que existe para fortalecer a Igreja Perseguida<sup>10</sup>. A Portas Abertas surge no momento em que um jovem de origem holandesa, Anne der Bijl, mais tarde conhecido como Irmão André, distribui uma maleta lotada de literatura cristã para alguns jovens na cidade de Varsóvia. Tempos antes, Anne der Bijl, havia atuado no exército holandês como soldado. Durante a Guerra da Independência da Indonésia, em uma emboscada, fora alvejado no tornozelo, situação que o levou a ficar um período de tempo na enfermaria para restabelecimento.

Enquanto esteve se recuperando, começou a ler a Bíblia, o livro dos Cristãos, e entregou sua vida a Jesus, comprometendo-se com a causa dos cristãos sob perseguição,

---

<sup>10</sup> Termo que será, posteriormente, trabalhado de forma mais pormenorizada.

conforme relatos do site da Missão Portas Abertas<sup>11</sup>. Posteriormente, o jovem decide estudar em uma agência missionária<sup>12</sup>. Em 1955, por ocasião do término do curso, fora convidado para participar de um Festival da Juventude Comunista, na Polônia.

Ainda segundo o site da Missão Portas Abertas, durante esse festival, Anne der Bijl relata que encontrou vários cristãos sofrendo muito sob o manto comunista. Segundo ele, pôde perceber que muitos daqueles que professavam sua fé em Cristo, viviam na clandestinidade, escondidos, em segredo, silenciados: necessitavam de Bíblias. Desta forma, a distribuição de Bíblias marcou o início da Instituição Portas Abertas.

A organização Portas Abertas não é a única que atua com o objetivo de fortalecer cristãos que sofrem perseguições. Outras instituições fazem, também, esse tipo de trabalho. Dentre elas, podemos citar: Missão Horizontes (Camanducaia/MG), Missão Kairós (São Paulo/SP), Avante – Missão Evangélica Transcultural (São Paulo/SP).

Atualmente, a Organização Portas Abertas atua em mais de 50 países e tem por visão o fortalecimento da Igreja Perseguida e o apoio aos cristãos locais que vivem em territórios hostis, a fim de que eles “possam continuar a propagar o evangelho ao maior número possível de pessoas ao seu redor”.<sup>13</sup>

O termo “Igreja Perseguida” é utilizado, pela linha protestante, para identificar aquelas pessoas que deixaram as mais variadas religiões para seguir os princípios da religião evangélica (oriunda dos ensinamentos apresentados, por Cristo, nos evangelhos – daí a nomenclatura: evangélicos). Acrescentamos que não são apenas os evangélicos que sofrem perseguição. Esta inclui os cristãos católicos e os ortodoxos. “O movimento de reforma e avivamento que tem tomado lugar dentro da Igreja Ortodoxa desagradou o Governo, e os próprios líderes ortodoxos e seus seguidores têm sofrido as mesmas perseguições que os evangélicos” (PORTAS ABERTAS, vol. 26, n.2: 2) fato acontecido em um país por nome Eritreia. Com isso, esses apóstatas<sup>14</sup> sofrem perseguição por parte daqueles antigos adeptos da religião abandonada.

Percebemos aqui que há uma elipse na expressão “Igreja Perseguida”. É como se fosse evidente que ela é perseguida e é como se fosse evidente quem são os seus perseguidores. A expressão elide os agentes (os perseguidores). É como se não fosse

---

<sup>11</sup> <http://www.portasabertas.org.br/about/historia/>, visitado em 23/02/2013.

<sup>12</sup> Agência Missionária é uma entidade que forma/capacita pessoas de ambos os sexos para aprofundar mais sobre o Evangelho, aprender outros idiomas – geralmente o idioma bem como a cultura do País onde pretende ser missionário com a finalidade de pregar o evangelho.

<sup>13</sup> Informações disponíveis no site da Organização Portas Abertas: <http://www.portasabertas.org.br/about/historia/>, visitado em 18/04/2012.

<sup>14</sup> Aquele que deixou uma profissão de fé para seguir outra. Em linhas básicas, mudou de religião.

necessário dizer quem são esses perseguidores. Essa elisão reforça o sentido de que só ela é perseguida e não possibilita que se pense que ela também pode perseguir. Ela é perseguida por quem? A esse questionamento podemos entender que as demais religiões significam como sendo as perseguidoras dessa Igreja Perseguida. Ao se definir como “perseguida”, a igreja cria um inimigo. E ela significa como se fosse vítima do inimigo que ela mesma criou através da designação “perseguida”. A revista faz outros caminhos para apresentar-se como sendo perseguida. O modo como a Revista constrói o inimigo da Igreja é indireto porque ela – Revista – não diz diretamente que as religiões “x”, “y”, “z” “...” perseguem. Retomando Orlandi “o que é visto ganha estatuto de existência” (2008: 17). Nesse caso, o que é dito também.

A visão da Instituição é de um mundo em que as pessoas possam experimentar o amor de Jesus e que cada cristão perseguido seja lembrado e apoiado por outros cristãos. Desta maneira, a Portas Abertas propõe uma aproximação da Igreja Livre para com os irmãos que vivem sob restrição e perseguição por conta da escolha de profissão de fé. A “Igreja Livre” é a nomenclatura usada para distinguir-se da Igreja Perseguida. A diferença é que esta vive em constante perseguição, de acordo com o que foi acima exposto, principalmente, em países de maioria muçulmana. Ao passo que a Igreja Livre, conforme o próprio nome indica, vive, noutras partes, em “pacífica convivência” com outras religiões, como é o caso do Brasil.

O objetivo dessa Organização é que a comunidade cristã no Brasil tenha conhecimento e esteja imbuída atuando de forma a suprir as necessidades da Igreja Perseguida. Além disso, que tenha a visão e os valores desta uma vez que o fortalecimento de cristãos perseguidos pode beneficiar e alcançar outros cristãos perseguidos ao seu redor.

Percebemos que a Revista, embora atravessada pela ideologia evangélica, expande sua convocação ao ramo cristão que, no Brasil, agremia o catolicismo romano. Aponta para um efeito generalizante ao utilizar o termo “brasileira” que, ao englobar apenas o ramo cristão, funciona de modo a apagar outros ramos religiosos. É como se os outros ramos não existissem.

A Instituição se coloca como missão fortalecer e preparar o Corpo de Cristo<sup>15</sup> que enfrenta ou vive um ambiente agressivo de restrição e perseguição por ter a fé alicerçada no

---

<sup>15</sup> O termo “Corpo de Cristo” é uma expressão bíblica usualmente invocada para nomear as pessoas tidas como cristãs, ou seja, aquelas que seguem as doutrinas contidas no Evangelho.

nome de Jesus Cristo. Possui ainda a incumbência de encorajar a Igreja Brasileira<sup>16</sup> a perseverar na fé, engajando-se no serviço à Igreja Perseguida.

A Portas Abertas atua em várias nações do mundo, objetivando fortalecer os cristãos a fim de que permaneçam firmes por conta das perseguições. Para a Organização, uma das maiores dificuldades enfrentadas pelos cristãos perseguidos é o isolamento. Isolam-se da Palavra de Deus contida na Bíblia porque não podem ler esse livro em grande parte dos países contrários à fé cristã. Isolados ainda do Corpo de Cristo, pois outras organizações não conseguem chegar até eles ou as que existem próximas são forçadas a fugir por causa de governos ou culturas opressoras. Nestes lugares, é possível encontrar a atuação da Portas Abertas.

O Irmão André, como é mundialmente conhecido, em 2012 completou 84 anos de idade, sendo 58 deles dedicados à Igreja Perseguida. Também foi conhecido como “*O Contrabandista de Deus*”, pois em suas empreitadas conduzindo Bíblias, sofreu diversas perseguições da Polícia Secreta Russa – KGB. Esse título lhe é atribuído porque realizava ações para levar o “Deus Cristão” – através da distribuição de Bíblias e outros materiais evangelísticos – a lugares em que a pregação do Evangelho era “proibida”. Assim, a entrada do evangelho deixou de ser feita pelas “vias legais” e passou a entrar de forma “ilegal”, ou seja, contrabandeada. Fato que lhe concedeu aquela alcunha. O irmão André passou a contrabandear Bíblias para dentro de países tais como: Alemanha, Bulgária, China, Hungria, Iugoslávia, Romênia, Rússia, dentre outros. Atualmente, outras nações foram alcançadas. “Assim, entre lágrimas e janelas fechadas, o cristianismo existe na Coreia do Norte, de forma **clandestina** e oprimida” (PORTAS ABERTAS, vol. 26, n. 3: 2 – com grifo nosso).

Ainda na Coreia do Norte

“Simon, coordenador do trabalho da Portas Abertas na região, acredita que haja de 400 a 500 mil cristãos vivendo **na clandestinidade**. Mas cerca de um quarto desses cristãos, por causa de sua fé, está preso em campos de concentração, e dificilmente alguém sai com vida dali” (PORTAS ABERTAS, vol. 26, n. 3: 5 – com grifos nossos).

O fundador atualmente não visita países onde a liberdade religiosa está presente. Pretende passar seus últimos dias em prol da Igreja Perseguida. Como é feita a classificação desses países?

---

<sup>16</sup> A Igreja Brasileira envolve as várias denominações existentes no ramo evangélico. Dentre as quais: Igrejas Assembleia de Deus, Igrejas Batistas, Igreja do Evangelho Quadrangular, Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Internacional da Graça, Igreja Mundial do Poder de Deus e outras denominações de menores vultos.



“A classificação de países por perseguição é compilada a partir de um questionário de 50 perguntas especialmente elaborado para cobrir vários aspectos da liberdade religiosa. As perguntas fazem distinção entre a condição legal e oficial dos cristãos, por exemplo: a Constituição e/ou leis nacionais garantem a liberdade de religião?; a lei permite que os indivíduos se convertam ao cristianismo? Há questões sobre a situação real dos cristãos, como: eles são mortos por causa da sua fé?; são sentenciados à prisão, campo de trabalhos forçados ou são enviados para hospital psiquiátrico por causa de sua fé?

A pontuação de cada pergunta depende da resposta dada. O número total de pontos de cada país determina sua posição na Classificação” (PORTAS ABERTAS, vol. 26, n. 5 – encarte especial).

Como surgiu a Portas Abertas no Brasil?

### 3.1.1 Portas Abertas no Brasil

Em terras brasileiras, a Portas Abertas teve início por intermédio de Elmira Pasquini, atualmente com 83 anos de idade. Elmira atuava como secretária de uma entidade de médicos e enfermeiros – União Médico-Hospitalar Evangélica, que pregam o amor e a salvação de Jesus diretamente aos enfermos.

Em 1972, Elmira Pasquini esteve presente na conferência da *International Hospital Christian Fellowship* (Aliança Cristã Hospitalar Internacional – IHCF) a qual ocorreu na Áustria. Nesse evento, um dos palestrantes era o Irmão André que, naquela época, atuava como representante da União Médico-Hospitalar Evangélica na Cortina de Ferro.

Cinco anos depois, em um culto na Igreja Batista da Liberdade, São Paulo – SP, o Irmão André falou às pessoas sobre a dificuldade que o Evangelho enfrentava em diversas partes do mundo, principalmente por trás da Cortina de Ferro, formada pelos países comunistas da Europa Oriental. Desta forma, os brasileiros firmaram o compromisso de oração e recursos para apoiar a Igreja Perseguida ao que o Irmão André instruiu que fosse iniciado um escritório de Portas Abertas no Brasil.

Sendo assim, foi marcada uma reunião em 1º de maio de 1978 para abrir o escritório brasileiro, onde algumas diretrizes foram traçadas visando o trabalho nacional em prol da Igreja Perseguida. Elmira Pasquini fez parte desta diretoria por, pelo menos, três anos. Esse escritório funcionou em sua casa até, tempos mais tarde, conseguir um local específico para sediar a Instituição.

Com isto, aos poucos, a Portas Abertas oficializou-se no Brasil sendo a parte do corpo que tem o papel de conscientizar a Igreja Brasileira sobre como servir os cristãos perseguidos ao redor do mundo.

A Missão Portas Abertas possui um logotipo. A criação e simbolização desse logotipo explicada, detalhadamente, no site da Portas Abertas, constitui uma informação bastante interessante.

De acordo com a Portas Abertas, o logotipo foi feito a partir do sinal *Icthus*. Este sinal foi usado como uma forma secreta para que os cristãos primitivos se comunicassem dentro das catacumbas por ocasião do império romano. Eles entalhavam este sinal nas paredes para que pudessem se identificar com outros cristãos.

Estas informações estão disponíveis no site da Organização Portas Abertas no Brasil. Tem por finalidade mostrar o significado de sua logo.



Figura 1 – Peixe  
Fonte: Portas Abertas<sup>17</sup>

O termo *Icthus* provém do grego:

**I** esous = Jesus

**C** hristos = Cristo

**Th** eous = de Deus

**U** ious = Filho

**S** oter = Salvador

A sigla pronunciada como palavra significa “peixe”, daí o uso do desenho.<sup>18</sup> Incorporado ao desenho original, a Portas Abertas inseriu o arame farpado representando as pessoas que estão nas prisões, em campos de trabalhos forçados, ou aquelas que de qualquer forma perderam a liberdade. A instituição se preocupa com aqueles que estão atrás do arame farpado por causa de sua crença no nome de Jesus Cristo.

Segundo a Missão Portas Abertas

<sup>17</sup> Disponível no site da Portas Abertas: <http://www.portasabertas.org.br/about/logotipo/>, visitado em 18/04/2012.

<sup>18</sup> Disponível no site da Portas Abertas: <http://www.portasabertas.org.br/about/logotipo/>, visitado em 18/04/2012.

“A combinação do arame farpado e do peixe Icthus entrelaçados, faz com que o logo seja único: expressa a terrível situação atual dos cristãos em muitos países e possui uma conexão com a origem da história da Igreja.”<sup>19</sup>



Figura 2 – Arame Farpado  
Fonte: Portas Abertas<sup>20</sup>

Além da combinação do arame farpado com o peixe, há ainda a rocha com um significado a mais. A rocha, normalmente é usada na Bíblia como figura para referir-se a Deus e a Cristo. Como Rocha, Deus é o Criador, a força, a proteção, o refúgio e a salvação de Seu povo. No Novo Testamento, Cristo é visto como a Rocha, o fundamento da Igreja, lugar de onde o Espírito da Vida flui, o esteio, o ancoradouro, a pedra angular, conforme relatado no Livro dos Cristãos.



Figura 3 – Rocha  
Fonte: Portas Abertas<sup>21</sup>

Finalizando o significado do logo, existe o entalhando a rocha. Entalhar um símbolo em uma rocha não é fácil. Consiste em tempo e perseverança.

Segundo a Organização, viver como cristão em países fechados à pregação do Evangelho é também muito difícil. Assim como entalhar na rocha não é tarefa fácil, simboliza o agir/viver cristão.

<sup>19</sup> <http://www.portasabertas.org.br/about/logotipo/>, visitado em 23/02/2013.

<sup>20</sup> Disponível no site da Portas Abertas: <http://www.portasabertas.org.br/about/logotipo/>, visitado em 18/04/2012.

<sup>21</sup> Idem.



Figura 4 – Entalhar  
Fonte: Portas Abertas<sup>22</sup>

Atualmente, segundo a Missão Portas Abertas, cerca de 100 milhões de cristãos vivem em estado de perseguição e outros milhões sofrem discriminação apenas porque são seguidores de Jesus Cristo. Para a revista Portas Abertas, a perseguição é promovida em lugares onde não se pode exteriorizar sua crença em Jesus. Vive-se na clandestinidade. A discriminação acontece em lugares onde a crença em Jesus é tolerável, mas essa profissão de fé impossibilita conseguir emprego, escolas para os filhos, dentre outras situações menos agressivas.



Figura 5 – Logo no Brasil  
Fonte: Portas Abertas<sup>23</sup>



Figura 6 – Logo Internacional  
Fonte: Open Doors International<sup>24</sup>

A Organização utilizou até 2002 o *slogan* “A serviço da resistência”. Após 2002, foi padronizada uma “identidade corporativa” de todas as bases das Portas Abertas no

<sup>22</sup> Disponível no site da Portas Abertas: <http://www.portasabertas.org.br/about/logotipo/>, visitado em 18/04/2012.

<sup>23</sup> Disponível no site da Portas Abertas: <http://www.portasabertas.org.br/vo/>, visitado em 28/04/2012.

<sup>24</sup> Disponível no site da *Open Doors International*: <http://www.opendoors.org/>, visitado em 28/04/2012.

Mundo e o *slogan* passou a ser “Servindo cristãos perseguidos”, mas apenas em 2009, na última atualização do *layout* da revista, é que essa modificação foi apresentada na capa<sup>25</sup>.

Até o ano de 2002, a revista utilizou o *slogan* “A serviço da resistência” ocorrendo, em 2009, o deslizamento no *slogan* que passou a ser “Servindo cristãos perseguidos”, assunto que será, posteriormente, objeto de análise.

A *Open Doors International* é responsável por receber as carências do campo e disponibilizar notícias, informações sobre projetos e campanhas em um banco de dados em que todas as bases da Portas Abertas têm acesso. Dessa forma, cada base utiliza os materiais e divulga as notícias “conforme as necessidades do país”. Assim, as notícias divulgadas na revista da sede brasileira e veiculadas no site da mesma, nem sempre são utilizadas pelas outras bases.

#### Em território brasileiro

“A Portas Abertas é uma entidade religiosa registrada e sediada no Brasil, que atua em cooperação com a Portas Abertas Internacional (*Open Doors International - ODI*), uma organização religiosa com sede na Holanda e nos Estados Unidos. As duas entidades são, portanto, diferentes e independentes, mas em termos legais, têm uma relação de filiação.” (PORTAS ABERTAS, vol. 30, n.6: 13)

O objetivo é atuar em cooperação com a entidade internacional. Conforme exposto, a Organização Portas Abertas atua em países onde a pregação do evangelho sofre restrições. A maior parte dessas nações encontra-se inserida em uma parte do Planeta conhecida como Janela 10-40. Abaixo passaremos a discorrer sobre essa região.

Como o *corpus* desta dissertação baseia-se, primordialmente, na questão de cristãos perseguidos, torna-se mister traçar algumas linhas, delineando, territorialmente, o tema do trabalho. Desta maneira, nada mais elementar do que inserir algumas informações pertinentes à localização que a revista dá a esses cristãos. Com isso, pincelaremos algumas linhas sobre a janela 10-40.

A “janela 10-40” tem esse nome por que está localizada a 10° ao norte da Linha imaginária do Equador indo até a 40°, ou seja, encontra-se inserida entre os paralelos 10-40 do Globo terrestre. “O termo **Janela 10x40** foi criado pelo norte-americano Luis Bush, em 1989, para fazer referência aos países do mundo menos alcançados pelo evangelho” (PORTAS ABERTAS, vol. 30, n. 11: 4 com grifos nossos). Tendo o formato retangular, daí o nome janela. Este espaço estende desde o oeste da África até o leste da Ásia. Trata-se, portanto, de uma faixa quase contínua de terras, cobrindo oeste e norte da África, Oriente

<sup>25</sup> Informação trazida pelo Sr. Rodolfo Lauber, Departamento de Comunicação da revista Portas Abertas, por e-mail.

Médio, Índia, China, Japão e Ilhas do Pacífico. Mas o que essa região tem a ver com a Instituição Portas Abertas, cuja revista é o *corpus* desta pesquisa?

“Embora a Portas Abertas não utilize essa nomenclatura (Janela 10x40), dos 62 países que compõem a Janela, a Portas Abertas tem projetos em cerca de 50 deles e é possível encontrar 43 desses países em nossa *Classificação de países por perseguição*” (PORTAS ABERTAS, vol. 30, n. 11: 5).

A figura abaixo apresenta a dimensão desse espaço geográfico.

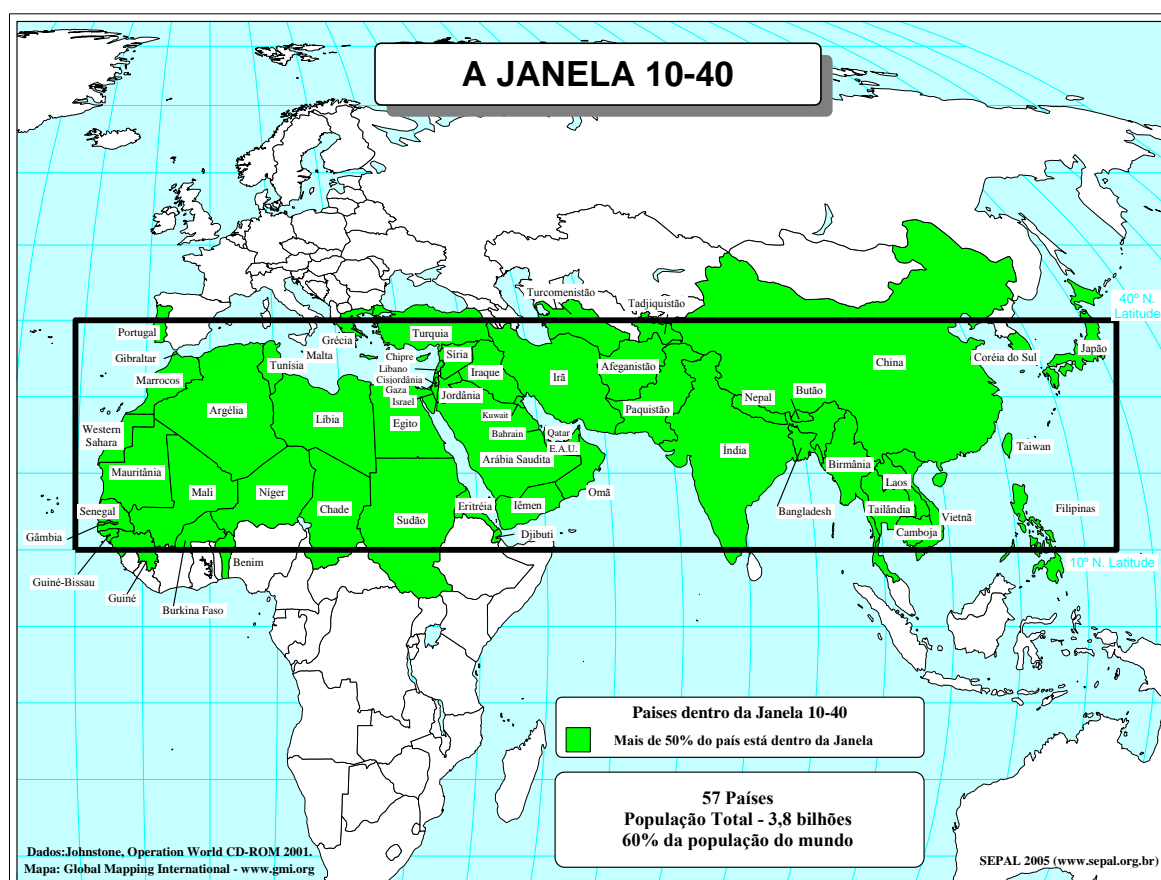


Figura 7 – A Janela 10-40

Fonte: Johnstone, Operation World CD-ROM 2001<sup>26</sup>

Na figura a seguir é possível visualizar a incidência geográfica dos três maiores blocos religiosos inseridos neste espaço denominado Janela 10-40.

<sup>26</sup> Este mapa “Global Mapping International”- [www.gmi.org](http://www.gmi.org), pode ser encontrado em sua forma original em: [http://www.missioninfobank.org/library/index.php?main\\_page=product\\_info&products\\_id=2273](http://www.missioninfobank.org/library/index.php?main_page=product_info&products_id=2273), visitado em 28/04/2012, ou com informações traduzidas para o idioma português em: <http://pt.scribd.com/doc/81227698/Mapas-Missionarios-Janela-10-40>, visitado em 28/04/2012.

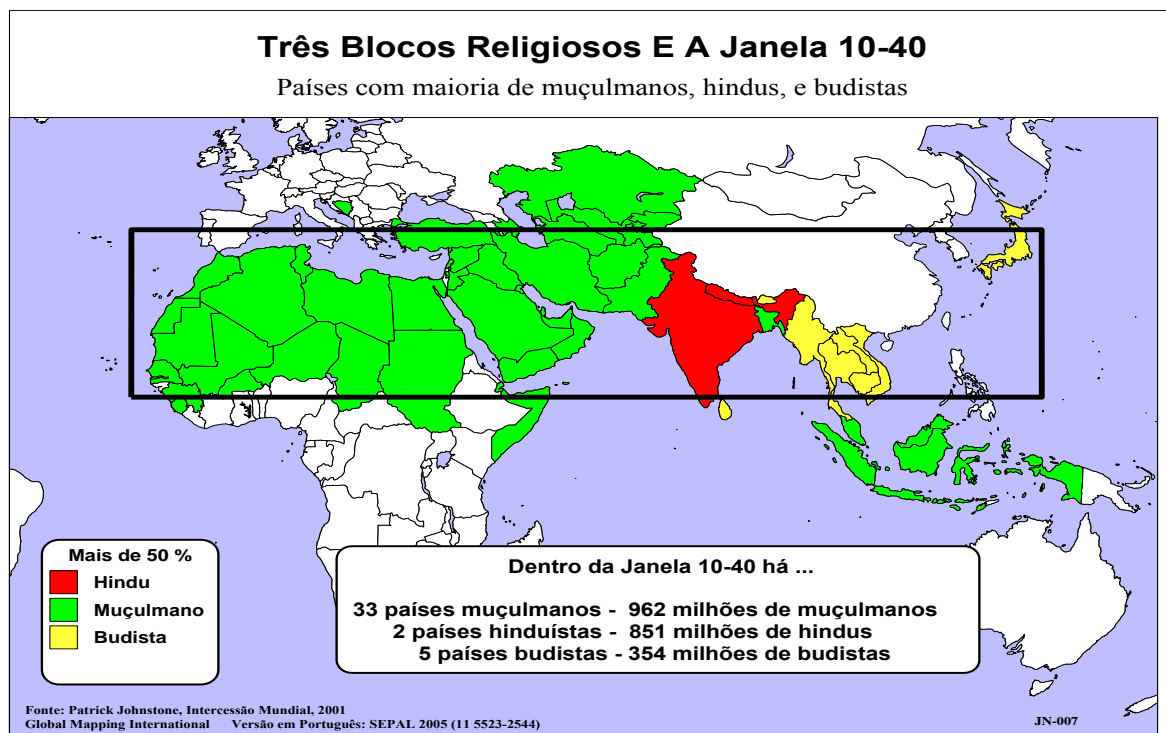


Figura 8 – Os Três Blocos Religiosos e a Janela 10-40

Fonte: Patrick Jonstone, Intercessão Mundial, 2001<sup>27</sup>

Com um total aproximado de três bilhões de pessoas, a “Janela 10-40” inclui 62 países os quais compõem Estados Soberanos e Não-soberanos, bem como colônias e territórios, tais como a faixa de Gaza e a margem oriental. Nesta região encontra-se inserido 37 países dos 50 menos evangelizados no mundo.

### 3.2 Isa ou Jesus?

Passaremos a iniciar uma aproximação ao ponto central do presente estudo. Para isso, precisamos compreender que além da origem compartilhada entre os muçulmanos e os cristãos que é a pessoa de Abrão/Abraão acima tratada, outro ponto em comum aproxima/separa esses dois segmentos religiosos: os nomes Isa e Jesus.

<sup>27</sup> Versão em português: SEPAL 2005 (11 5523-2544). *Global Mapping International* disponível em: [http://www.missioninfobank.org/library/index.php?main\\_page=product\\_info&products\\_id=2215](http://www.missioninfobank.org/library/index.php?main_page=product_info&products_id=2215), visitado em 28/04/2012, ou com informações traduzidas para o idioma português em: <http://pt.scribd.com/doc/81227698/Mapas-Missionarios-Janela-10-40>, visitado em 28/04/2012.

Dois nomes, uma pessoa. No Islã, para os seguidores muçulmanos, o nome é Isa. Na Bíblia é chamado de Filho de Deus, possuindo o nome próprio de Jesus.

Embora o livro dos cristãos o chame de Filho de Deus, Jesus possui características que o colocam como profeta aproximando-o da posição ocupada no Islã.

Assim, transcreveremos um recorte bíblico apoiando, para os cristãos, essa afirmação. O texto abaixo encontra-se no evangelho escrito por Mateus, estando no capítulo 16, versículos 13 ao 18.

“Chegando Jesus à região de Cesaréia de Filipe, interrogou os seus discípulos: Quem dizem os homens ser o Filho do Homem?  
 Responderam-lhe: Uns dizem: João Batista; outros: Elias; e outros: Jeremias, ou um dos **profetas**. (grifamos)  
 Perguntou-lhes ele [Jesus]: E vós, quem dizeis que eu sou?  
 Simão Pedro respondeu: Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo.  
 Respondeu-lhe Jesus: Bem-aventurado és tu, Simão Barjonas, pois não foi carne e sangue quem to revelou, mas meu Pai que está nos céus.  
 E também eu te digo que tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela.”

Conforme abordamos anteriormente, Jesus disse a Pedro que foi Deus quem havia mostrado a ele (Pedro) quem era Jesus, ou seja, para Pedro, Deus mostrou Jesus como sendo filho de Deus. Para outros, entendiam-no como profeta. Desta forma, Jesus, na Bíblia ocupa o lugar de filho de Deus e ao mesmo tempo lugar de profeta, mesclando na mesma pessoa, sua natureza divina/humana.

Percebe-se um deslizamento proporcionado pelas duas religiões. Para o islamismo trata-se de um profeta dentre outros profetas mencionados. No cristianismo, como alhures mencionado, Filho de Deus. O primogênito de Deus e profeta.

Profeta é aquele que fala em nome de Deus. Filho, embora, fale, também, em nome de Deus, como estão em lugares de significação diferentes, o relacionamento com Deus também é diferenciado, pois, filho “é mais íntimo” que profeta. Embora a voz de Deus (se) fala no profeta, também (se) fala no filho.

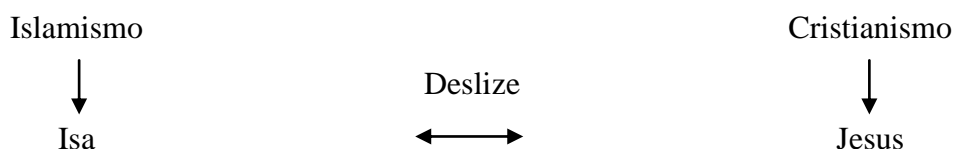
Historicamente se nota a presença da memória discursiva, que, segundo Orlandi (1999: 59) “é feita de esquecimentos, de silêncios de sentidos não ditos, de sentidos a não dizer, de silêncios e de silenciamentos.” Jesus/Isa estão inscritos na história, ainda que em filiações discursivas contraditórias.

Desta maneira, ao falar “Isa” o nome “Jesus” é silenciado. O “Filho” é esquecido ao passo que o “Profeta” continua ecoando sem a prerrogativa de filho. Diz-se isso (Isa) para não dizer aquilo (Jesus). Assim como Cristo e Messias também ficam silenciados. Ao



mesmo tempo em que, ao falar “Jesus”, o nome “Isa” também é silenciado, sendo também silenciado o “Profeta”.

Isa ou Jesus são acontecimentos discursivos diferentes. Ambos os nomes provêm de formações discursivas próprias e constituem memórias diferentes as quais os seguidores estão inscritos, proporcionando processo de produção de sentidos específicos a cada religião.



Retomamos aqui Orlandi (1999: 60), em uma reflexão sobre a questão do acontecimento a partir de Pêcheux, que

“procura compreender, junto a linguistas, semioticistas e historiadores, a fragilidade no processo de inscrição do acontecimento no espaço da memória que, segundo ele, joga em uma dupla forma: a. o acontecimento que escapa à inscrição, que não chega a inscrever-se, e b. o acontecimento que é absorvido na memória como se não tivesse ocorrido.”

Ao retomar Pêcheux, Orlandi especifica o caso de maio de 68, que

“não se enquadra nem na primeira, nem na segunda possibilidade. É uma nuance entre elas: é como se não tivesse ocorrido (b), não porque foi absorvido mas, ao contrário, justamente porque escapa à inscrição na memória (a).” (*ibidem*).

Desta forma, para os cristãos, o acontecimento “Jesus” (se) inscreveu de forma que eles (cristãos) não esperam mais pelo Cristo/Messias, ele já veio. Por outro lado, para os muçulmanos, o acontecimento “Jesus” não chegou a (se) inscrever, uma vez que “Jesus” foi silenciado por “Isa” galgando a posição de mais um profeta dentre outros existentes na Bíblia.

A língua somente (se) significa estando inserida na história, o que Orlandi (1999: 60) chama de materialidade discursiva, ou seja, linguístico-histórica. Língua, história e ideologia, tripé indispensável para a subjetividade.

Com isso, percebemos que “uma mesma pessoa”, vista através de perspectivas diferentes, recebe nomes diferenciados, pois está produzindo sentidos em formações discursivas diversas.

Desta forma, operar o silêncio na Análise de Discurso é trabalhar as regiões do *não-dito* que não são acessíveis pelo *dito*, pois se constituem como regiões de exclusão.

Orlandi aponta que “o apagamento é do domínio da ideologia. Não está marcado em lugar algum como tal. Funciona através dos silêncios, de práticas que atestam, mas que não se expõe como tal” (2008: 69). E ainda, esse apagamento de sentidos pode vir “pela sobreposição de um discurso a outro” (ORLANDI, 2008: 19).

Isa silencia Jesus. Assim, Isa exclui Jesus. E Jesus silencia e exclui Isa. O que é excluído está fadado ao desaparecimento, vez que silenciar é apagar. Sendo, portanto, a exclusão uma forma de silenciamento. O mesmo acontecendo com *Alá* e Deus. Desta forma, Isa/Jesus passa a ser um lugar de demarcação entre as duas religiões. Nesse ponto percebe-se a contradição, o dissenso. É uma oposição no sentido político em que uma religião se opõe à outra. O silenciamento evidencia esse lugar de oposição.

Atualmente as religiões que surgem procuram mostrar espaços de significação que rompem com as outras religiões existentes. Apresentam diferenças na liturgia, nas doutrinas, ideologias opostas. Podemos pensar em ecos de repetição. A história apresenta ciclos “evolutivos” de repetição. Dentro desses ciclos, algumas coisas se mantêm cristalizadas, outras coisas mudam, enquanto outras retomam posicionamentos antigos.

Retomando o fundador do cristianismo, Jesus não somente é o divisor de águas entre o antigo testamento e o novo testamento para o cristianismo. Jesus é significado como o marco da era nossa cristã e mesmo os não-cristãos são submetidos a esse marco através da difusão do calendário cristão.

A contagem dos anos é identificada pela sigla A.C. – antes de Cristo. Percebemos que, no funcionamento da sigla, o nome judeu de Jesus sofre um deslizamento passando a ser conhecido pelo título “ungido” (Cristo) no idioma grego. Ao invés de termos, por exemplo, o ano 50 A.J. – antes de Jesus, temos 50 A.C. – antes de Cristo. O mesmo ocorrendo após o advento de Cristo: depois de seu nascimento, temos, ainda exemplificativamente, o ano 50 D.C. – depois de Cristo. Outros substituem a sigla “D.C.” pela sigla “A.D.” – *Anno Domini*, tido como o Ano do Senhor para iniciar a contagem da “Era Cristã” ou “Era Comum” para aqueles que afastam essa questão da esfera religiosa, que mesmo sendo afastada pela nomenclatura “Era Comum” continua sendo A.D. – *Anno Domini*.

O surgimento do calendário da era cristã se deu no século sexto. Na época em que Jesus nasceu os romanos detinham o poder dominante. Geralmente datavam todos os eventos a partir da fundação de Roma, que seria o *anno urbis* 1. Em 525 D.C., João I – bispo de Roma comissionou um monge chamado Dionísio para que este preparasse um calendário padrão baseado no nascimento de Jesus. “Ele determinou que o nascimento se dera no dia 25

de dezembro, 753 anos depois da data que se aceita como de fundação de Roma, sendo que o dia 1º de janeiro seguinte marcaria o início do ano 1 D.C.” (MANUAL BÍBLICO VIDA NOVA, 2001: 84). Este calendário foi gradualmente adotado em todo o mundo cristão.

“Os eruditos atuais descobriram que algumas das datas da história romana próximas ao começo da era cristã não são compatíveis com o calendário de Dionísio. Por exemplo, de acordo com registros romanos, Herodes o Grande, que governava a Judéia quando nasceu Jesus, morreu em 750 *anno urbis*. Dionísio fixou o nascimento de Jesus em 754 *anno urbis*, numa aparente contradição com as datas bem estabelecidas nos registros romanos.

Jesus nasceu provavelmente em 749 ou 750 *anno urbis*, ou seja, quatro ou cinco anos antes da data referida em nosso calendário comumente aceito.

Portanto, na literatura moderna os eruditos fixam o nascimento de Jesus no ano 4 ou 5 A.C.” (BÍBLIA THOMPSON, 2000: 1440).

Houve, assim, um silenciamento do nome “Jesus” – Deus salva – para “Cristo” – o ungido – aquele que foi ungido visando uma missão, *in casu*, resgatar a humanidade remindo-a de seus pecados. Silenciou-se também o ungido na língua hebraica – *Messias*. Como os seguidores de Jesus são conhecidos por cristãos, a significação remete à memória discursiva do fundador do cristianismo. Memória essa que compreende as narrativas bíblicas.

O nome Jesus – *Iesous* – é uma transliteração da palavra hebraica *Josué* que significa “Jeová é salvação”, ou seja, “é o Salvador”. “Foi dado ao Filho de Deus na encarnação como Seu nome pessoal, em obediência à ordem de um anjo a José, marido de Maria, mãe de Jesus, pouco antes de Este nascer” (DICIONÁRIO VINE, 2006: 728).

A palavra hebraica *māshîah* – ungido/Messias – se refere àquele que é ungido com óleo e simboliza o recebimento do Espírito Santo, capacitando-o a fazer uma tarefa designada. Os reis, os sumos sacerdotes e alguns dos profetas foram ungidos desta forma. “Depois da promessa feita a Davi (2 Sm 7.13<sup>28</sup>), *māshîah* diz respeito imediatamente à dinastia davídica, mas, em última instância, aponta para o ‘Messias’, Jesus Cristo” (DICIONÁRIO VINE, 2006:182). Essa palavra foi silenciada por *christos* do grego que significa “ungido” designando Jesus como *ho christos* – o Cristo – por conta de que o Novo Testamento, conforme acima mostrado, tenha sido escrito na língua grega.

O cristianismo cresceu de tal forma que produziu como acontecimento a maciça adesão a uma determinada forma de contagem dos anos, bem como produziu uma separação entre os dois testamentos bíblicos. Até mesmo os não-cristãos são afetados por esses marcos,

---

<sup>28</sup> “Este edificará uma casa ao meu nome, e estabelecerei o trono do seu reino para sempre.” Deus passando instruções ao profeta Samuel para com o Rei Davi. Estando no segundo livro escrito pelo profeta Samuel, capítulo 7, versículo 13.

por essas siglas. Outros povos ainda continuam com seus calendários, *v.g.*, os chineses, entretanto, atualmente, diante de relações comerciais/contratuais o calendário cristão também é considerado.

Após esses lampejos, focalizaremos no objeto desta pesquisa, ou seja, passemos à análise propriamente dita da revista *Portas Abertas*, na seara do discurso religioso.

## 4 ANÁLISE DE DISCURSO RELIGIOSO

O Discurso Religioso é aquele em que fala a voz de Deus, como já apresentamos. Como também já mostramos, Orlandi (2001: 243) menciona que Deus fala no padre. O padre significa como representante da voz de Deus. Assim, também podemos dizer que Deus fala no pastor; Deus também fala na Revista *Portas Abertas*. E ainda, que Deus falou no/pelo profeta Maomé para os muçulmanos através do Alcorão e falou no/pelo Jesus e nos/pelos escritores bíblicos (em torno de 40 autores – dentre os quais: profetas, juízes, reis, salmistas, evangelistas, apóstolos...) através da Bíblia para os cristãos.

Utilizamos o verbo “falar” no tempo pretérito (falou) porque entendemos o Alcorão para os muçulmanos e a Bíblia para os cristãos como livros sagrados. Assim, ambos os manuais estão acabados. Não estão sendo escritos. Quer dizer, Alá/Deus falou. Essa fala foi reduzida a termo e “pronto”. Não cabe mais nenhuma inserção “escrita” em tais livros sagrados, embora as interpretações deixam de ser estr(e)itas para continuar (se) inscrevendo.

Desta maneira, inferimos que Alá/Deus falou no passado e não fala no presente. A voz divina está silenciada. O que temos são ecos divinos da fala outrora proferida. Não pretendo adentrar aqui nas interpretações tiradas dos textos contidos no Alcorão e na Bíblia, os quais produzem sentidos outros após as leituras pelos sujeitos de ideologia de cunho islâmica ou cristã, pois os fiéis aos respectivos livros podem concluir estar o seu “deus” falando.

De acordo com os ensinamentos de Orlandi (2001) podemos inferir que profetas, juízes, reis, salmistas, evangelistas e os apóstolos foram representantes de Deus à época bíblica. De outro lado, para o discurso cristão, Jesus o mediador e da banda oposta, para os muçulmanos, Maomé que ocupa a posição de profeta, passa a ser visto como representante de Alá. Percebemos que as religiões apresentam seus representantes/mediadores. O ser humano, na maioria das vezes, instituirá outro ser humano (mais santo? mais apto? mais eloquente?) para intermediá-lo. A Bíblia menciona que quando Moisés liderou sob orientação divina a saída dos hebreus da escravidão a que estavam submetidos no Egito, o povo pediu para ouvir a voz de Deus por intermédio de Moisés e não diretamente Deus/hebreus.

Avançando em nosso progresso, trataremos do *corpus* da presente pesquisa.

#### 4.1 Delineando o *corpus*

Conforme foi anteriormente assentado, este trabalho versa sobre fragmentos de publicações da revista Portas Abertas. O material de análise é a Revista, o objeto de análise são alguns enunciados e *slogans* presentes nela. Para a realização dessa análise, separamos dois períodos de publicação da revista.

O primeiro período é composto pelas edições Vol. 26, nº 01 ao Vol. 26, nº 12, correspondente ao ano de 2008 que, coincidentemente, comemorou 30 anos da missão Portas Abertas no Brasil.

O segundo segmento reporta-se ao Vol. 29, nº 11 (novembro/2011) ao Vol. 30, nº 12 (dezembro/2012). Neste período a revista já se encontra com o *layout* atualizado, o que abordaremos mais à frente.

Até o ano de 2002, a revista fez uso do *slogan* “A serviço da resistência”. Posteriormente com a padronização de todas as bases das Portas Abertas no Mundo, o *slogan* passou a ser “Servindo cristãos perseguidos”. Todavia, somente em 2009, quando o *layout* da revista foi atualizado é que esse *slogan* passou a ser textualizado na capa. Antes de 2009, era textualizado na contracapa.

O *layout* antigo permaneceu até o ano de 2009. Também permaneceu até 2009 a textualização do *slogan* na contracapa, com uma variante: até 2002 “A serviço da resistência”; após 2002 “Servido cristãos perseguidos”. A partir de 2009, *layout* novo com a textualização “Servindo cristãos perseguidos” na capa.

Nesse processo descritivo convém mencionar que a revista não está disponibilizada comercialmente nas bancas de jornal ou similares. Sua circulação ocorre através de assinaturas ou indicações de futuros assinantes, os quais recebem, mensalmente, via correio, os exemplares.

Contudo, sua circulação não se dá somente por intermédio de assinaturas. Ao fazer doações à Organização Portas Abertas, dependendo do valor, o ofertante é presenteado com uma assinatura anual gratuita da revista.

No formato antigo a revista contabilizava 16 páginas no formato de 21 x 25 cm (largura x altura), iniciando uma tiragem de 18.200 exemplares, encerrando o período aqui delineado com 22.800 exemplares. O novo formato passou para 21 x 28 cm (largura x altura) com uma média de 25.000 exemplares. Sendo que no mês de maio (aniversário da Portas Abertas no Brasil) esse número chegou a 36.000 exemplares.

Em ambos os formatos, existe logo após a capa um encarte destinado à indicação de “um amigo” para receber um exemplar e, concomitantemente, uma proposta de assinatura anual da revista.



Figura 9  
Recorte do verso do encarte da revista Portas Abertas, volume 26, número 3.

Percebemos que a revista traz para o leitor o pedido de indicação de um amigo. Os fiéis de linha cristã referem-se uns aos outros como “irmãos”. Aqui, a revista não usa o substantivo “irmãos”, mas insere outro: “amigo”.

Buscando compreender como “amigo” significa no espaço da revista, precisamos ater-nos às condições de produção da revista Portas Abertas. É uma revista pautada na ideologia cristã, tendo a Bíblia como regra de conduta. Conforme expusemos anteriormente, Jesus Cristo é o fundador do cristianismo. Logo, uma revista como a que está sendo o *corpus* do presente escrito, se pautará em seus ensinamentos.

Cristo sempre se referiu aos próximos como irmãos, uma vez que nessa linha religiosa há apenas o culto ao Deus monoteísta que pode ser invocado como Pai. Todos os sujeitos são tidos como irmãos de Cristo e irmãos entre si.

Portanto, de acordo com o cristianismo, ouvir a palavra de Deus e executá-la coloca o sujeito na posição de irmão de Jesus. Entendimento extraído à luz dos escritos contidos no evangelho narrado por Lucas, capítulo 8, versículo 21.

Tempos mais tarde, próximo ao evento da crucificação, Jesus proferiu estas palavras aos discípulos:

“Ninguém tem maior amor do que este, de dar alguém a própria vida pelos seus **amigos**. Vós sois meus **amigos**, se fizerdes o que eu vos mando. Já não vos chamo de servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor. Antes, tenho-vos chamado amigos, pois tudo o que ouvi de meu Pai vos tenho dado a conhecer.” (JOÃO 15:13-15).

Houve, portanto, uma deriva na maneira como tratar o próximo: irmão/amigo. Não é contrário à Bíblia os fiéis referirem-se uns aos outros utilizando o termo “irmão”. Porém, a palavra “amigo” além de invocada por Cristo, é mais abrangente. Esse “amigo” talvez não seja um cristão.

Como se sabe, existem várias igrejas inseridas na ideologia cristã. A linha do catolicismo Romano; as ortodoxas e as protestantes (Evangélicas) as quais possuem inúmeras denominações diferentes. Dentro desses redutos – unidades religiosas – as pessoas, costumeiramente, são tratadas por irmãos. Há, porém, certa resistência ao utilizar o mesmo termo ao se referir aos fiéis de outra “igreja” que não comunguem as mesmas doutrinas ideológicas/teológicas.

Sendo assim, ao utilizar o substantivo “amigo”, a Organização Portas Abertas está rompendo essa barreira, pois “amigo” silencia “irmão” podendo aquele (amigo) ser, inclusive de outra religião, mas que poderá vir a ser de outra, a religião da Revista.

Na reformulação do *layout* da Revista houve um acréscimo à frase “indique um amigo para receber a revista Portas Abertas”, passando a ser redigida da seguinte forma:

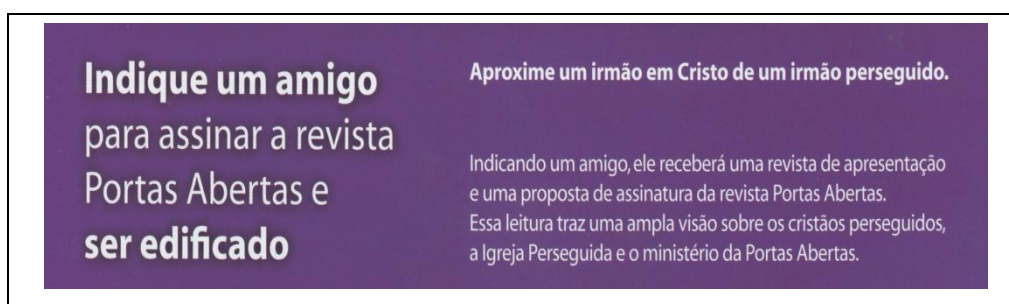


Figura 10

Recorte do verso do encarte da revista Portas Abertas, volume 29, número 11.

Na primeira frase, o verbo usado era “receber” dando a ideia de gratuidade. Aqui, o verbo é “assinar” demonstrando uma contraprestação. Entretanto, na parte do encarte destinada à inserção de dados do amigo e posterior envio aos correios continua presente o verbo “receber”.

Lembramos que revista é mensal. Diante dessa periodicidade, cada mês contém um tema central na revista, o qual é composto por uma citação bíblica.

Mas quem é o amigo?

- a) Amigo pode ser o irmão de outra unidade religiosa;
- b) Amigo pode ser aquele passível de ser evangelizado;



c) Amigo pode ser o incrédulo.

Mas será que o irmão de outra unidade religiosa e o incrédulo não seriam o inimigo? Nesse sentido, o inimigo pode vir a ser o amigo. Inimigo este que poderá vir a ser edificado e se tornar amigo. Mas e o perseguidor? Este, que não é nomeado, já é o inimigo e não pode ser amigo.

Em relação à questão da edificação como consequência do recebimento da revista, não há aí uma promessa? Se fizer “x” recebe “y”. É uma troca/negociação. Alcançar uma bênção para herdar o Paraíso. Podemos pensar ainda, que se trata de uma barganha de cunho capitalista. Investimento. Investe “x” que lhe rende “y”. Ou seja, podemos notar, com isso, que, a formação ideológica da Revista Portas Abertas, que é cristã evangélica, é perpassada pela ideologia capitalista. Não é apenas um discurso religioso o que vemos na revista. É um discurso religioso que, em determinados momentos, é atravessado pelo discurso capitalista.

As reportagens apresentadas na edição são feitas de acordo com esse tema mensal, ou seja, as matérias escritas são aludidas ao versículo chave (referência bíblica). Desta maneira, a revista Portas Abertas promove uma “edificação” ao amigo que passa a ser seu assinante, sendo “edificado” com as reportagens trazidas no bojo da revista. O termo “edificar” por eles utilizado tem o significado próximo a “exemplificar no sentido moral”, quer dizer, contribuir para que o indivíduo desenvolva em si um caráter parecido com aquele apresentado pelo fundador do Cristianismo – Jesus Cristo.

Mas qual é a necessidade de se produzir uma revista como esta? Ela não deixa de ser efeito da sociedade capitalista moderna. Ela funciona como um produto posto no mercado editorial cristão, que promove a venda da revista. Além disso, ela transforma-se em um chamariz para outras receitas à Organização a título de doações para custear os programas por ela desenvolvidos. Essas condições de produção imediatas demonstram uma contraprestação. O leitor adquire a Revista e os produtores recebem valores para custear a Organização.

Orlandi diz que:

As condições de produção, que constituem os discursos, funcionam de acordo com certos fatores. Um deles é o que chamamos relação de sentidos. Segundo essa noção, não há discurso que não se relacione com outros. Em outras palavras, os sentidos resultam de relações: um discurso aponta para outros que o sustentam, assim como para dizeres futuros. Todo discurso é visto como um estado de um processo discursivo mais amplo, contínuo. Um dizer tem relação com outros dizeres realizados, imaginados ou possíveis. (ORLANDI, 2010:39).

Desta maneira, a revista Portas Abertas apresenta um discurso que comporta ecos da Igreja Primitiva, ou seja, o discurso da revista Portas Abertas aponta para outros discursos

produzidos à época da Igreja Primitiva que sustenta o discurso da Revista. Entretanto, não é só isso. Hoje, nas atuais condições de produção do discurso, na *Portas Abertas* esse discurso é de outra forma, que procuraremos estudar nos próximos itens. Mas antes falaremos da igreja primitiva.

## 4.2 Igreja primitiva de portas abertas

O discurso que está funcionando na Revista *Portas Abertas*, como todo discurso, não é transparente face à opacidade linguística. Para compreendermos esse material significativo contido no enunciado “*Portas Abertas – servindo cristãos perseguidos*” apresentado pela revista *Portas Abertas* é importante trazermos à tela o nascimento da Igreja Primitiva, pois é a partir desta Igreja que se compreende os processos pelos quais os sentidos se constituem na revista *Portas Abertas*.

Essa Igreja – primitiva – está apresentada na Bíblia, principalmente no Novo Testamento. Em sua inteireza o Novo Testamento pode ser chamado de a literatura da Igreja Primitiva. Nos evangelhos podemos perceber faíscas de indícios de uma igreja, todavia é no Livro de Atos que o clarão da Igreja se faz com maior força intensificando na medida em que novos adeptos surgem. A palavra Bíblia vem do grego *biblia* e significa “livros” ou “rolos”. A Bíblia é dividida em dois períodos testamentários. O primeiro chamado de Antigo Testamento contendo 39 livros na versão protestante; na versão católica são 46 livros. Tem-se, portanto, 7 livros a mais que não foram aceitos pelos protestantes. Silenciaremos sobre essa questão, pois não é o cerne desta pesquisa. O importante a dizer é que os 39 livros primeiramente citados encontram-se inseridos nos 46 posteriormente mencionados.

O segundo período testamentário é chamado de Novo Testamento. Existe uma página em branco, nas Bíblias católicas e protestantes, separando esses dois testamentos – antigo e novo – simbolizando um período de aproximadamente 400 anos em que não se ouviu a voz de Deus. O início do novo testamento se dá com o advento de Jesus.

O antigo testamento foi inteiramente escrito em hebraico, exceto Gênesis 31:47; Esdras 4:8 a 6:18; Jeremias 10:11 e Daniel 2:4 a 7:28 que foram escritos em aramaico.

Em relação a isso:

“Os estudiosos nem sempre concordam quanto ao motivo pelo qual esses textos foram escritos em aramaico em lugar de hebraico. O motivo básico parece estar principalmente na língua falada pelos primeiros destinatários aos quais o autor bíblico se dirigia” (MANUAL BÍBLICO VIDA NOVA, 2001: 496),

ao passo que o novo testamento foi todo escrito em grego, contabilizando 27 livros.

Todavia, embora a diferença entre as versões católicas e protestantes se reduzam a 7 livros, o número de livros não aceitos é bem maior. Estes são considerados como livros “apócrifos”:

“O vocabulário *apócrifico*, que significa escondido, ou secreto, aplica-se genericamente a uma série de livros surgidos no período entre o Antigo e o Novo Testamento” (BÍBLIA THOMPSON, 200: 1375).

“A Igreja Católica Romana, no Concílio de Trento, 1546 D.C., considerou canônicos onze desses livros, que aparecem nas edições católicas das Escrituras” (*ibidem*).

Os livros apócrifos são os seguintes<sup>29</sup>: adições ao livro de Ester, Sabedoria de Salomão, Eclesiástico, Baruque, Epístola de Jeremias, Canção dos Três Jovens, Susana, Bel e o Dragão, Oração de Manassés, I Macabeus e II Macabeus.

Os evangélicos, ou protestantes, geralmente aceitam os apócrifos como possuindo material de valor literário e histórico, mas rejeitam a sua canonicidade. Por essa razão têm sido eliminados das modernas edições evangélicas da Bíblia. Não iremos debater essa questão, pois grandes pensadores com muito mais propriedade sobre o assunto já tentaram fazê-lo.

Com a morte de Jesus na cruz do Calvário, no momento em que um soldado trespassa o lado de Jesus com um lança, conforme conta o Evangelho narrado por João, capítulo 19, versículo 34<sup>30</sup>, estaria ali sendo gerada a Igreja de Jesus – de acordo com o discurso religioso cristão patrocinado pela Bíblia – uma vez que jorrou sangue – expiando o pecado da humanidade – e água – simbolizando o derramar do Espírito Santo. Essa Igreja é in(di)visível.

Dias antes da crucificação, no evento conhecido como a última ceia, Jesus avisou aos discípulos sobre sua morte. Naquele episódio tomou o pão e o vinho que simbolizaram o seu corpo e sangue e os compartilhou dizendo que se tratava da última e eterna aliança realizada entre Deus e ele mesmo na pessoa de Jesus representando a humanidade. Jesus

<sup>29</sup> Alguns desses livros são tidos como adições a livros existentes nas duas versões – católica e protestante. Desta forma, embora o número de livros aceitos pela Igreja Católica Romana refira-se a 11, a diferença entre as versões se reduz a 7 livros.

<sup>30</sup> Contudo, um dos soldados trespassou-lhe o lado com uma lança, e imediatamente saiu sangue e água.

ainda lhes disse que não os deixaria órfãos, mas rogaria ao Pai para que lhes enviasse outro consolador que seria o Espírito Santo.

Fato que veio a ser exteriorizado na Festa de Pentecostes<sup>31</sup> ocorrida após o evento da ressurreição de Jesus, cuja evidência se demonstra, ainda com base nos escritos bíblicos, no fato de os apóstolos falarem em línguas de outras nações que não as suas de nascença. Línguas que os apóstolos não sabiam falar.

Nasce, portanto, a Igreja Primitiva – não como organização religiosa e sim como um organismo vivo. A Bíblia descreve a Igreja como um corpo composto de membros vivos (Romanos 12:4-5<sup>32</sup>; I Coríntios 12:12-27<sup>33</sup>; Colossenses 1:18-24<sup>34</sup>; Efésios 5:23<sup>35</sup>). Esses membros – os cristãos – são “blocos” ou “pedras” utilizados na construção/edificação da Igreja (I Pedro 2:5<sup>36</sup>; I Coríntios 3:10-15<sup>37</sup>) que compõem o organismo “Igreja Primitiva”. Nesse período de seu nascimento

---

<sup>31</sup> A Festa de Pentecostes é uma festa histórica de origem judaica. Essa festa estava simbolicamente ligada à colheita. Era uma forma de festejarem a boa colheita. O pentecostes é celebrado no 50º dia após o domingo de Páscoa – outra festa judaica em que se comemora a saída dos judeus da escravidão a que estavam submetidos no Egito. Para os cristãos, o Pentecostes celebra a “descida” do Espírito Santo sobre os apóstolos e discípulos de Jesus, conforme narrado no Livro de Atos dos Apóstolos.

<sup>32</sup> Assim como em um só corpo temos muitos membros, mas nem todos os membros têm a mesma função, assim nós, que somos muitos, somos um só corpo em Cristo, mas individualmente somos membros uns dos outros.

<sup>33</sup> Assim como o corpo é um, e tem muitos membros, e todos os membros do corpo, sendo muitos, formam um só corpo, assim é Cristo também. Pois todos nós fomos batizados em um só Espírito, formando um só corpo, quer judeus, quer gregos, quer servos, quer livres; e a todos nós foi dado beber de um só Espírito. Ora, o corpo não é um membro, mas muitos. Se o pé disser: Porque não sou mão, não sou do corpo; não será por isso do corpo? E se a orelha disser: Porque não sou olho, não sou do corpo, não será por isso do corpo? Se o corpo todo fosse olho, onde estaria o ouvido? Se todo fosse ouvido, onde estaria o olfato? Mas Deus colocou os membros no corpo, cada um deles como quis. E, se todos fossem um só membro, onde estaria o corpo? Pois há muitos membros, mas um só corpo. O olho não pode dizer à mão: Não tenho necessidade de ti! nem ainda a cabeça aos pés: Não tenho necessidade de vós! Antes, os membros do corpo que parecem ser mais fracos, são necessários; e os que nos parecem menos honrosos no corpo, a esses honramos muito mais. E os que em nós não são menos decorosos damos muito mais honra, porque os que em nós são mais nobres não têm necessidade disso. Mas Deus assim formou o corpo, dando muito mais honra ao que tinha falta dela, para que não haja divisão no corpo, mas antes tenham os membros igual cuidado uns dos outros. De maneira que, se um membro padece, todos os membros padecem com ele; e, se um membro é honrado, todos os membros se regozijam com ele. Ora, vós sois o corpo de Cristo e, individualmente, membros desse corpo.

<sup>34</sup> E ele é a cabeça do corpo, a igreja; é o princípio, o primogênito dentre os mortos, para que em tudo tenha a preeminência. Pois foi do agrado do Pai que toda a plenitude nele habitasse, e que, havendo por ele feito a paz pelo sangue da sua cruz, por meio dele reconciliasse consigo mesmo todas as coisas, tanto as que estão na terra como as que estão nos céus. A vós também, que noutra tempo éreis estranhos, e inimigos no entendimento pelas vossas obras más, agora, contudo, vos reconciliou no corpo da sua carne, pela morte, para perante ele vos apresentar santos, e irrepreensíveis, e inculpáveis, se é que permanecéis fundados e firmes na fé, não vos deixando afastar da esperança do evangelho que ouvistes, o qual foi pregado a toda criatura que há debaixo do céu e do qual eu, Paulo, fui feito ministro. Agora regozijo no que padeço por vós, e na minha carne cumpro o resto das aflições de Cristo, pelo seu corpo, que é a igreja.

<sup>35</sup> Pois o marido é o cabeça da mulher, como também Cristo é o cabeça da igreja, sendo ele próprio o salvador do corpo.

<sup>36</sup> Vós também, como pedras vivas, sois edificados como casa espiritual para serdes sacerdócio santo, a fim de oferecerdes sacrifícios espirituais, aceitáveis a Deus por Jesus Cristo.

“o rei Herodes lançou mãos de alguns da igreja para maltratá-los. Mandou matar á espada Tiago, irmão de João. Vendo que isso agradava aos judeus, continuou, mandando prender também a Pedro”,

texto extraído do livro de Atos dos Apóstolos, capítulo 12, versículos 1 a 3. Esse rei Herodes é o rei Agripa I que morreu no ano 44 D.C..

Após essa breve explanação sobre a Igreja Primitiva, com a intenção de avançar mais na análise, precisamos compreender os espaços de reuniões religiosas à época do nascimento de Jesus.

O primeiro lugar a ser mencionado é o Templo. O Templo, situado em Jerusalém, era o centro espiritual do judaísmo. Antes da construção do templo, havia outro lugar de adoração chamado Tabernáculo. Para falarmos do Tabernáculo se torna mister regredir um pouco na história bíblica. Acima expusemos que o povo de Israel fora escravo no Egito. Posteriormente, com a saída do Egito foram peregrinos até chegarem à terra prometida. Nesse período de caminhada no deserto, Deus providenciava uma nuvem para abrigar a multidão do sol escaldante e à noite promovia uma coluna de fogo para aquecê-los da baixa temperatura.

“O Senhor ia adiante deles, de dia numa coluna de nuvem, para os guiar pelo caminho, e de noite numa coluna de fogo, para os alumiar, a fim de que caminhassem de dia e de noite” (Êxodo, capítulo 13, versículo 21).

No que tange à alimentação, Deus também providenciou para o povo de Israel, durante o período de quarenta anos no deserto até que chegaram à Canaã – a terra prometida.

“Então disse o Senhor a Moisés: Eu vos farei chover pão dos céus. O povo sairá, e colherá diariamente a porção para cada dia, para que eu o prove se anda em minha lei ou não.<sup>37</sup>

A casa de Israel deu-lhe o nome de maná. Era como semente de coentro, e tinha o sabor de bolos de mel.<sup>38</sup>

Comeram os filhos de Israel maná quarenta anos, até que entraram em terra habitada; comeram maná até que chegaram aos termos da terra de Canaã.<sup>39,40</sup>

---

<sup>37</sup> Segundo a graça de Deus que me foi dada, pus eu, com sábio construtor, o fundamento, e outro edifica sobre ele. Mas veja cada um como edifica sobre ele. Pois ninguém pode pôr outro fundamento, além do que já está posto, o qual é Jesus Cristo. E, se alguém sobre este fundamento levantar um edifício de outro, prata, pedras preciosas, madeira, feno, palha, a obra de cada um se manifestará, porque o dia a demonstrará. Pelo fogo será revelada, e o fogo provará qual seja a obra de cada um. Se a obra que alguém edificou sobre ele permanecer, esse receberá galardão. Se a obra de alguém se queimar, sofrerá perda; o tal será salvo, todavia como pelo fogo.

<sup>38</sup> Livro de Êxodo, capítulo 16, versículo 4.

<sup>39</sup> Livro de Êxodo, capítulo 16, versículo 31.

<sup>40</sup> Livro de Êxodo, capítulo 16, versículo 35.

No deserto, Deus supriu vestuários e calçados, conforme encontramos no Livro de Deuterônimo, capítulo 29, versículo 5. Nesta passagem bíblica Deus está falando ao povo por intermédio de Moisés: “Quarenta anos vos fiz andar pelo deserto, sem que envelhecessem sobre vós as vossas vestes, nem se gastassem no vosso pé a sandália.” Deus proveu água nesse período de peregrinação. A direção dada por Deus os conduzia a lugares que havia fonte de águas. Quando eram impróprias para o consumo, Deus contornava essa dificuldade:

“Então chegaram a Mara, mas não puderam beber as águas de Mara, porque eram amargas. É por isso que o lugar é chamado Mara.

E o povo murmurou contra Moisés, dizendo: Que havemos de beber?

Então Moisés clamou ao Senhor, e o Senhor lhe mostrou uma árvore. Lançou-a nas águas, e as águas se tornaram doces. Ali Deus lhes deu estatutos e uma ordenança, e ali os provou.

Disse Ele: Se ouvires atentamente a voz do Senhor teu Deus, e fizeres o que é reto diante dos seus olhos, e inclinares os teus ouvidos aos seus mandamentos, e guardares todos os seus estatutos, nenhuma enfermidade virá sobre ti, das que enviei sobre os egípcios, pois eu sou o Senhor que te sara.

Então chegaram a Elim, onde havia doze fontes de água e setenta palmeiras, e se acamparam junto das águas.” (assento extraído do Livro de Êxodo, capítulo 15, versículos 23 a 27).

Percebemos, diante dos relatos bíblicos, a proteção/cuidado que Deus proporcionava ao povo israelita.

Mais tarde, Deus passou para Moisés instruções para a construção do Tabernáculo, onde os sacerdotes ofereceriam cultos a Deus. O Tabernáculo “era uma tenda sagrada com diversos utensílios, tudo feito de acordo com o plano divino dado a Moisés” (BÍBLIA TOMPSON, 2000: 1498). A nuvem/fogo de Deus pairava sobre o Tabernáculo demonstrando a presença divina. Essa tenda era montada e desmontada de acordo com a movimentação do povo israelita que acontecia da seguinte forma, conforme apresenta o livro de Êxodo, capítulo 40, versículos 36 a 38:

“Quando a nuvem se levantava de sobre o tabernáculo, os filhos de Israel caminhavam avante em todas as suas jornadas; mas se a nuvem não se levantava, não caminhavam até o dia em que ela se levantava.

Assim, a nuvem do Senhor estava de dia sobre o tabernáculo, e o fogo estava de noite sobre ele, perante os olhos de toda a casa de Israel, em todas as suas jornadas.”

Ao estabelecerem-se na terra dada por promessa era natural que desejassem algo mais permanente que uma tenda para adoração. O Rei Davi concebeu a ideia de construir um templo para Deus. Acumulou grande quantidade de material para a construção. Contudo, a construção se deu por intermédio do Rei Salomão, filho do Rei Davi, mais ou menos no ano

960 e 953 A.C.. Esse templo foi destruído pelos babilônicos e outro foi construído em seu lugar entre 520 e 515 A.C., por Zorobabel, mas não era tão esplêndido quanto o primeiro. No ano 20/19 A.C., o Rei Herodes – o Grande – começou a construção de um templo magnífico a fim de conquistar a simpatia dos judeus e impressionar os romanos com a importância da Judéia. O evangelista João narra no capítulo 2, versículo 20 que o templo, no início do ministério de Jesus, estava em construção havia 46 anos. Este último templo foi destruído pelos romanos no ano 70 D.C..

O templo possuía espaços separados para cada grupo de pessoas. Uma parte chamada Átrio Exterior destinava-se aos gentios – aqueles que não eram judeus – e judeus. Gentios somente neste espaço. Átrio das mulheres, destinado às mulheres israelitas; Átrio de Israel, dedicado aos israelitas do sexo masculino; Átrio dos sacerdotes, somente os sacerdotes podiam frequentar; Santuário, dividido em duas porções: Lugar Santo onde os sacerdotes realizavam suas atividades regulares; o Lugar Santíssimo que era o coração interior do templo. Somente o sumo sacerdote podia entrar, uma vez no ano, no dia da expiação para oferecer um sacrifício pelos pecados do povo. Nesse Lugar Santíssimo o sumo sacerdote não podia estar em pecado, do contrário morreria instantaneamente. Outra pessoa que entrasse para tirar o corpo do defunto também morria. A forma encontrada para sanar essa questão foi acrescentar às vestes do sumo sacerdote uma espécie de sinos que durante sua movimentação faziam barulhos mostrando, aos que estavam de fora desse lugar, que o sumo sacerdote estava vivo. Em um de seus pés amarravam-lhe uma corda. Caso morresse dentro do Lugar Santíssimo a corda era utilizada para arrastar seu corpo para fora.

Percebemos claramente a acepção de pessoas presente neste espaço religioso – o templo – que era um lugar para as pessoas cultuarem a Deus.

Como dissemos, o primeiro templo foi destruído pelo Império Babilônico e sendo os judeus levados cativos para a Babilônia. Após 70 anos de cativeiro alguns voltaram para Jerusalém e outros foram espalhados para outras regiões. “Os judeus dispersos entre as nações sentiram a necessidade de lugares de adoração religiosa, e edificaram sinagogas onde quer que havia uma colônia judaica” (BÍBLIA THOMPSON, 2000: 1499).

Portanto, a sinagoga também é um espaço de adoração a Deus pelos judeus. As sinagogas diferenciavam do Templo de Jerusalém por serem, geralmente simples edifícios de forma retangular, sem móveis adornados ou lugar para sacrifícios.

Os judeus, nos tempos bíblicos, reuniam-se nas sinagogas judaicas para estudarem os textos sagrados até então produzidos. Estes textos eram escritos em pergaminhos e compreendiam a *Torá* – os cinco primeiros livros da Bíblia cuja autoria é atribuída a Moisés,

conhecidos também como Pentateuco. Além da *Torá* alguns rolos que continham textos escritos pelos profetas.

A sinagoga “proporcionou às comunidades judaicas um centro de culto e aprendizado e deixou marcas profundas no cristianismo e no islamismo” (MANUAL BÍBLICO VIDA NOVA, 2001: 560). Ademais

“Jesus surgiu proclamando que o Reino de Deus estava próximo. Não afirmou abertamente ser o Messias, mas aceitou o título quanto este Lhe foi conferido por Seus discípulos, e foi crucificado nesse fundamento. Para a mente judia um Messias crucificado era algo inconcebível, e a própria crucificação foi considerada como suficiente para anular todas as Suas reivindicações. Até mesmo os discípulos, que O haviam confessado como o Cristo, ficaram abalados, e somente Sua ressurreição lhes pôde restaurar a fé. Então entenderam que Jesus excitara a cruz por ser aquela a vontade de Deus, e então descobriram, nas Escrituras, evidências de que ao Messias competia sofrer. Por conseguinte, a cruz fazia parte de determinado desígnio e presciência de Deus.” (BURLEIGH *in* O novo comentário da bíblia, 1997: 70).

Esses fatos bíblicos – morte/ressurreição/pentecostes – contribuíram para um novo espaço para os ajuntamentos religiosos. Até então as reuniões aconteciam somente no templo e nas sinagogas. Eles acreditavam que a manifestação de Deus se dava somente nesses “espaços religiosos” – sinagoga/templo.

Como os discípulos foram visitados pelo Espírito Santo – pentecostes – estando eles reunidos em uma casa, amedrontados por conta da crucificação de Jesus perceberam que Deus podia se fazer presente em qualquer lugar, até em uma casa. Desta maneira, as reuniões deixaram de acontecer somente no templo e nas sinagogas judaicas (por questões de perseguições aos cristãos pelos judeus), mas foram estendidas às casas (I Coríntios 16:19<sup>41</sup>; Colossenses 4:15<sup>42</sup>). Atualmente, essas reuniões continuam acontecendo em residências, principalmente onde a perseguição aos cristãos está presente.

Aproveitamos a oportunidade para inserir uma das situações vivenciadas pelos cristãos, hodiernamente, na Coréia do Norte.

“As igrejas de lá não são comunidades que se reúnem regularmente durante a semana. Os cultos consistem ao encontro de **duas pessoas** na casa de uma delas. Elas memorizam versículos da Bíblia, usados para um estudo bíblico. Cantam bem baixinho e trocam pedidos de oração. A seguir, oram juntas.” (PORTAS ABERTAS, vol. 26, n. 3: 8 – grifamos).

O número reduzido de pessoas também é eco do discurso bíblico, pois Jesus disse no evangelho escrito por Mateus, capítulo 18, versículo 20 “Pois onde estiverem **dois** ou três

<sup>41</sup> As igrejas da Ásia vos saúdam. Saúdam-vos afetosamente no Senhor Áquila e Priscila, com a igreja que está em sua casa.

<sup>42</sup> Saudai aos irmãos de Laodicéia, a Ninfa e à igreja que está em sua casa.



reunidos em **meu nome**, ali estou **eu** no meio **deles**” (grifamos). A casa é um dos lugares indicados por Jesus para se falar com Deus: “Mas tu, quando orares, entra o no teu aposento, e, fechando a tua porta, ora a teu Pai que está em secreto. E teu Pai que te vê secretamente, te recompensará” (Mateus, capítulo 6, versículo 6).

A Bíblia aponta para o que Deus estava mostrando, quer dizer, ele – Deus – não queria mais rituais religiosos, não queria espaços que dividiam as pessoas conforme acontecia no templo, queria a simplicidade das sinagogas, queria desenvolver um relacionamento com as pessoas. Não precisavam de ações ritualísticas para ter encontro com Deus. Através de Jesus, conforme a Bíblia apresenta, o caminho foi aberto. Jesus – o caminho a Deus – foi construído na cruz do calvário. A casa é lugar de relacionamentos; é lugar menor que sinagoga; não se têm rituais; podemos dizer que a religião é o homem em busca de Deus, mas o Evangelho é Deus em busca do homem com a finalidade de relacionar-se com ele. No evangelho narrado por João, capítulo 3, versículos 16 e 17, Jesus disse:

“Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.  
Porque Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para que condenasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele.”

Ainda em conformidade com os assentos milenares, com o derramamento do Espírito Santo através da cruz e exteriorizado em Pentecostes dentro de uma casa, cada gentio ou judeu que se convertia ao cristianismo se tornava templo desse Espírito conforme escreve Paulo na primeira carta aos coríntios, capítulo 6, versículo 19 e 20:

“Ou não sabeis que o nosso corpo é santuário do Espírito Santo, que habita em vós, proveniente de Deus? Não sois de vós mesmos; fostes comprados por bom preço. Glorificai, pois, a Deus no vosso corpo [e no vosso espírito, os quais pertencem a Deus].”

Destarte podemos inferir que cada cristão convertido se tornou “casa”, “habitação” de Deus. O lugar de adoração passou a ser o próprio convertido ao cristianismo. Trata-se do Emanuel – Deus conosco; salvo em Jesus – Deus salva; habitado pelo Espírito Santo, pois é Ele quem convence o homem do pecado, conforme falado por Jesus e transcrito pelo evangelista João, capítulo 16, versículo 8.

Percebemos que a Igreja inaugurada na pessoa de Jesus passa a ser referida não mais como “Igreja” e sim como “Igreja Primitiva”, “Igreja Livre” e depois, no discurso da Portas Abertas, como “Igreja Perseguida”. Da mesma maneira que existe o termo “homem primitivo” para se reportar à primeira era humana, a expressão “Igreja Primitiva” constitui o

início de uma igreja que até então não existia. O termo “Igreja”, portanto, está atrelado ao cristianismo. As demais religiões referem-se ao “prédio” congregacional utilizando-se de outros termos, v.g., os Testemunhas de Jeová, chamam-no de “Salão”; os muçulmanos, de “Mesquita”; budistas e hinduístas, de “Templo”.

Passaremos a discutir sobre a Revista Portas Abertas, foco do presente trabalho.

### 4.3 Revista com portas abertas

Que sentidos estão funcionando/circulando no nome Portas Abertas da revista? Existe, por exemplo, uma revista de divulgação científica chamada Superinteressante<sup>43</sup>, que remete à ideia de que as matérias contidas nas suas páginas são superinteressantes. De outra banda, a que nos remetem as reportagens contidas no bojo da revista Portas Abertas?

A igreja primitiva, conforme acima mostramos, nasceu em ambiente de perseguição. As condições de produção da revista Portas Abertas são afetadas por esses acontecimentos e se sustentam neles. No livro de Apocalipse, capítulo 3, versículos 7 e 8 está escrito:

“Ao anjo da igreja de Filadélfia escreve: Isto diz o que é santo, o que é verdadeiro, o que tem a chave de Davi. O que **abre e ninguém fecha, e fecha e ninguém abre**: conheço as tuas obras. **Diante de ti pus uma porta aberta que ninguém pode fechar**. Sei que tens pouca força, entretanto, guardaste a minha palavra e não negaste o meu nome.” (Grifos nossos).

O texto em apreço menciona “igreja de Filadélfia” que era uma das sete igrejas que ficavam na Ásia menor<sup>44</sup>.

A expressão “Portas Abertas” remete a uma memória discursiva que remonta aos tempos bíblicos. Naquela época o apóstolo João, estando na Ilha de Patmos, teve a oportunidade de escrever o livro de Apocalipse que significa “Revelação”. João, como porta-voz de Jesus, conforme aponta Apocalipse capítulo 1, versículo 1, fala em nome de Jesus, que já falou, nos evangelhos, em nome de Deus.

<sup>43</sup> Contribuição trazida pela professora Greciely Cristina da Costa por ocasião da qualificação desta dissertação.

<sup>44</sup> Atualmente existe uma cidade localizada no Estado Americano da Pensilvânia com o mesmo nome, contudo mesmo havendo identidade no nome, não existe proximidade temporal e nem geográfica, muito embora a primeira possa ter contribuído para a nomeação desta última que existe desde a época das 13 colônias americanas e aquela por ocasião dos escritos do livro de Apocalipse.

No recorte bíblico acima exposto nos é apresentado que a porta que Jesus abre ninguém pode fechar; e a que ele – Jesus – fecha ninguém pode abrir. Deus falando por intermédio do profeta Isaías diz: “Ainda antes que houvesse dia, eu sou; e ninguém há que possa fazer escapar das minhas mãos; **agindo eu, quem o impedirá?**” (Isaías, 43:13 – com ênfase acrescentada). Como efeito de sustentação podemos transcrever a parte da fala de Jó com Deus em que Jó diz: “Eu sei que tudo podes; nenhum dos teus planos pode ser impedido” (Jó 42:02). Em Apocalipse é Jesus falando – Deus Filho, a segunda pessoa da Trindade – ao passo que nas citações posteriores (Isaías e Jó) é Deus quem fala – Deus Pai, a primeira pessoa da Trindade. Não pretendemos discorrer sobre a Trindade que não é o foco deste trabalho, apenas diremos que “três são os que dão testemunho no céu: o **Pai**, a **Palavra**, e o **Espírito Santo; e estes três são um**” (assento extraído da primeira carta escrita pelo apóstolo João, capítulo 5, versículo 7, com grifos nossos, mais abaixo demonstraremos que a Palavra se refere a Jesus). Mencionamos esse texto bíblico para mostrar a unidade divina para sustentar as citações anteriormente abordadas e proferidas por pessoas “diferentes”.

Portanto, a revista *Portas Abertas* exterioriza que as portas estão abertas por designação divina. A razão da Porta Aberta é que, mesmo tendo pouca força – portanto não é a força humana que mantém a porta aberta, mas a provisão divina – a igreja de Filadélfia conseguiu guardar a palavra de Jesus – o porta-voz de Deus – e não negar o nome de Jesus.

Desta maneira, a organização *Portas Abertas* não estriba em sua própria força para cumprir sua missão – o que lhe cabe é guardar a palavra de Jesus e não lhe negar o nome. Com isso, a forma de outros guardarem a palavra de Jesus e não lhe negar o nome é aliarem-se à missão da Organização *Portas Abertas* a qual é exteriorizada na revista *Portas Abertas* que é “servir cristãos perseguidos”. De outro lado o não atuar juntamente com o discurso da Revista dá a entender em não guardar a palavra de Jesus e negar-lhe o nome. Para não negar o nome é necessário guardar a palavra, uma coisa está ligada à outra, não olvidando a grande comissão inscrita no Evangelho produzido por Mateus, capítulo 28, versículo 19 onde Jesus diz: “ide e fazei discípulos de todas as nações”. São portas abertas ao discurso da evangelização e fortalecimento do corpo – igreja. Trata-se de um discurso convocativo, onde o leitor poderá responder positivamente à essa convocação.

Na descrição bíblica a expressão “porta aberta” aparece no singular, ao passo que a adotada pela Revista está no plural “*Portas Abertas*”. Como isso significa?

As portas também estão abertas em outro contexto, que não é exatamente e apenas o contexto dos fatos bíblicos. Qual é esse outro contexto? Onde as portas estão abertas hoje?

A revista funciona no Brasil, as portas estão abertas para os irmãos e amigos para que estes assinem a revista mas, para a organização, não há perseguidos no Brasil. Os “casos individuais” não contam. As portas não estão abertas para esses perseguidos no Brasil, mas apenas para os perseguidos da janela 10-40.

Como, para a organização, não existe apenas uma nação que persiga aos cristãos, mas várias nações isso nos dá a ideia de mais de uma porta aberta. Assim como não existe apenas uma nação, não existe apenas uma “religião” que a persiga. Todas as demais religiões que não comunguem com os ensinamentos cristãos tornam-se potenciais perseguidoras.

São portas abertas para atuar junto à Janela 10-40. Porta e janela. Aberturas de uma casa. O que remete ao que delineamos mais acima, quando tratamos do deslizamento da sinagoga para reuniões domésticas.

Enquanto a porta permite a entrada e saída, a janela não tem a finalidade de entrada/saída. É necessário saltar a janela para transpô-la. Geralmente, quem entra pela porta é morador/conhecido/convidado. De outro lado, quem salta janela não é, via de regra, morador/conhecido/convidado, o que nos remete ao discurso da invasão (ORLANDI, 2008) ocorrido em terras brasileiras por ocasião do descobrimento/colonização, abordado mais atrás nesta pesquisa. Mas, ao mesmo tempo, quem salta a janela também pode ser aquele que é perseguido.

Estas portas estão abertas a favor da resistência, contra a propagação do Evangelho. Mas que resistência é essa?

#### **4.4 A serviço da resistência**

Apresentamos em linhas anteriores que a revista Portas Abertas utilizava o *slogan* “A Serviço da Resistência” até o ano de 2002<sup>45</sup>. O Irmão André – fundador da *Open Doors International* – iniciou suas viagens levando Bíblias para países que resistiam à pregação do Evangelho, dentre esses países podemos citar: Iugoslávia, Romênia, Hungria, Alemanha,

---

<sup>45</sup> Tentamos entrar em contato com a Missão Portas Abertas responsável pela edição da revista Portas Abertas no Brasil procurando conseguir alguns exemplares da revista no período em que vogava o *slogan* “A serviço da resistência” para analisar o funcionamento deste. Contudo, até o presente momento não recebemos resposta. Desta maneira nos ateremos às informações que nos foram passadas através de e-mail pelo Sr. Rodolfo Lauber do Departamento de Comunicação da Revista.

Bulgária, Rússia, China, dentre outros. O termo ‘resistência’, neste caso, pode impingir pelo menos dois sentidos possíveis: a) aquele que resiste a algo que está sendo imposto e b) aquele que marca um lugar de oposição. Destarte, não somente as religiões resistem/perseguem. O Estado quando impede que seus administrados mudem de religião promove a perseguição, independentemente da linha teológica adotada. Isso se dá porque o Estado é composto por sujeitos e esses mesmos sujeitos são interpelados por diferentes ideologias religiosas ou por outras ideologias. O deslocamento do espaço de significação ocorre trazendo ecos desse deslocamento. Sujeitos/religião e estado/regime de governo.

Desta maneira a resistência a uma religião pode marcar um lugar de oposição de um regime de governo. Isso pode implicar em uma forma de evitar a entrada de outro ramo religioso que interferiria na forma de administração estatal e contribuiria para que, talvez, uma nova religião seja imposta pelo Estado. Vale lembrar o que outrora aconteceu nos tempos de Constantino, quando o Império Romano sucumbiu ao cristianismo, que passou a ser a sua religião oficial. A resistência a essa imposição estatal era reprimida com a morte. A religião é um dos aparelhos ideológicos do Estado, como diz Louis Althusser (1985). O Estado, através da religião, amplia sua área de atuação na vida dos administrados contribuindo para o avanço “de sua religião” e perseguindo aqueles que não comungam dos mesmos ideais ideológicos religiosos. No caso do Brasil, o Estado, ainda que laico, funciona, em muitos momentos, no espaço das legislações, atravessado, pelo discurso religioso.

A Organização *Open Doors International* foi criada à época da Cortina de Ferro na União Soviética a qual era, naquele tempo, a única maneira de levar Bíblias para os cristãos que estavam nesses países que compunham a URSS.

Devemos lembrar que esse *slogan* “A Serviço da Resistência” não estava textualizado na capa revista *Portas Abertas*. Porém, funcionava como implícito, pois “resistência” remete à luta da Igreja a permanecer firme apesar das constantes perseguições e, à resistência contra o avanço do Evangelho. Perseguições essas que apenas se tornavam conhecidas àqueles que acessavam o interior da revista *Portas Abertas*, pois na capa não havia o enunciado textualmente visível.

Resistência também pode ser entendida como oposição. Fala-se em resistência do lado das *Portas Abertas* – mas, do outro lado, pode ser vista como oposição. Uma vez que nessas localidades já havia um discurso religioso em funcionamento, o fato de se adentrar com outra nuance religiosa estaria sendo confrontado o antigo discurso que teria o novo em oposição a si mesmo. Tem-se, portanto, a contradição. De um lado o avanço do Evangelho

encontrando resistência para adentrar; ao passo que encontra resistência, também é tido como oposição, pois a formação discursiva cristã está em relação com outra formação discursiva, isso se dá em uma relação contraditória porque precisa de outra formação discursiva para se constituir e isso acontece dos dois lados – não é simétrico. Trata-se mais de questão discursiva que questão de fato. O discurso constrói o fato; cria um argumento. Tem-se, portanto, o efeito de sustentação retomando Pêcheux (1997). Discursivamente pensando é como se já existisse a perseguição. Sempre houve o argumento da perseguição conforme abordaremos no tópico seguinte, trazendo enunciados bíblicos para sustentar essa afirmação.

A questão da resistência/oposição também pode estar relacionada ao percurso do fundador da *Open Doors International* conhecido como irmão André. O fato de o irmão André, haver atuado como soldado durante a Guerra da Independência da Indonésia não nos parece indiferente. Resistência é uma palavra que circula no contexto de guerras, ao lado de outras como luta, batalha, etc., que também comparecem nos textos da revista.

As guerras, geralmente envolvem um país contra outro país. Os soldados lutavam por um país e ao mesmo tempo lutavam contra um (outro) país. Trazendo um deslizamento para essa questão, podemos dizer que o adepto de uma religião luta por essa religião e ao mesmo tempo luta contra outro ramo religioso.

A guerra é metaforizada no discurso da revista: da mesma maneira que um soldado requer capacitação para guerrear, a luta espiritual exige um treinamento ostensivo. Esse treinamento é feito através de palestras e distribuição de material (livros e Bíblias) bem como instruções em como utilizar essas “armas” nos países em que, segundo a revista, “há intolerância religiosa”.

Desse modo, a Portas Abertas arregimenta “soldados” para, juntamente com ela, estar a “serviço da resistência”. Esse “estar com ela” não precisa ser territorialmente falando, pois se pode servir à Organização, orando, contribuindo financeiramente, bem como mobilizando outros a agirem da mesma forma, inclusive não-cristãos, os amigos.

A guerra fria se foi. Outras guerras vieram e o espaço a ser conquistado/evangelizado aumentou. Tempos mais tarde, o *slogan* da Portas Abertas sofre a deriva: “a serviço da resistência” para “servindo cristãos perseguidos” ao que nos propomos nas próximas páginas.

Esses cristãos são apenas perseguidos ou perseguem também? A princípio a resistência está em ambos os lados, mesmo que de modos diferentes. É o que procuraremos responder no tópico seguinte.

#### 4.5 Servindo cristãos perseguidos

Embora o *slogan* “A Serviço da Resistência” tenha sido substituído/silenciado por “Servindo Cristão Perseguidos” ele continua como o não-dito necessário ao dito, apresenta sentidos estabilizados.

Ao textualizar na capa (até 2009 encontrava-se na anti-capas) o *slogan* “Servindo Cristãos Perseguidos” a revista *Portas Abertas* se apresenta como uma Instituição que atua em prol de uma parcela da população denominada “cristãos” e que esses cristãos sofrem perseguição. Através de “cristãos”, os demais grupos religiosos e não religiosos são silenciados tratando-se “de uma espécie de ANTI-IMPLÍCITO: não o não-dito necessário para o dito mas, ao contrário, o não-dito necessariamente excluído, apagado” (Orlandi, 1989: 43), como se somente os cristãos padecessem perseguições no mundo todo.

Trata-se de uma questão de (um dizer que também é um) não dizer para sustentar o dito de uma Revista de formação discursiva cristã atravessada pela ideologia evangélica.

Nesse contexto convém trazermos aquilo que Orlandi (1989) chamou de “política da palavra”. Nesta, o processo de silenciamento é mais radical, ele se instaura no processo de denominação – cristãos perseguidos. Ao denominar se promove um recorte – cristãos perseguidos – instalando espaços de silêncios de outros grupos religiosos/não religiosos que, por ventura, sofram perseguições que, inclusive, podem ser de origem cristã.

A Bíblia, livro que faz parte das condições de produção da revista *Portas Abertas* menciona várias vezes a questão dos cristãos serem perseguidos. Essa memória discursiva continua produzindo ecos de sentidos no espaço significativo da revista *Portas Abertas*.

Embora essa perseguição advenha de cunho ideológico, o emprego de armas é rechaçado nessa batalha espiritual, conforme Jesus no livro de Lucas, capítulo 9, versículos 51 a 56, onde lemos:

“Completando-se os dias para sua assunção, Jesus manifestou o firme propósito de ir para Jerusalém.

Mandou mensageiros adiante de si, os quais entraram numa aldeia de samaritanos, para lhe prepararem pousada;

mas não o receberam, porque viram que ele ia para Jerusalém.

Os discípulos Tiago e João, vendo isto, perguntaram: Senhor, queres que mandemos que desça fogo do céu e os consuma, assim como fez Elias?

Mas Jesus voltando-se, repreendeu-os, e disse: Vós não sabeis de que espírito sois, pois o Filho do homem não veio para destruir as almas dos homens, mas para salvá-las. E foram para outra aldeia.” (grifamos).

Neste texto acima, os samaritanos não quiseram receber a Jesus. Samaritanos e judeus não se davam bem por preconceitos raciais. Diante desse não recebimento, os discípulos de Jesus quiseram acabar com aquele povo através de fogo do céu semelhantemente ao que teria feito Elias.

Para falarmos um pouco de Elias, precisamos voltar no tempo bíblico e, resumidamente, expormos a história. Como apresentamos no tópico “origem compartilhada” Deus chamou a Abrão para sair da terra em que estava habitando. Abrão tem um filho com a escrava Hagar, que se chamou Ismael, dos quais descendem os povos árabes. Posteriormente, Deus muda o nome de Abrão para Abraão. Abraão tem outro filho que pôs o nome de Isaque. Isaque tem dois filhos. Esaú e Jacó. Jacó também tem o nome mudado por ordem divina, passando a chamar-se Israel. Israel tem doze filhos. Dentre eles, um por nome Judá, do qual descenderia Jesus tempos mais tarde. Este também foi quem deu origem ao termo “judeu”.

Com relação a Israel esse é o nome foi dado a todos os seus descendentes. O povo de Israel ou israelitas. Um dos filhos de Israel – José – é vendido como escravo pelos próprios irmãos para mercadores que se dirigiam ao Egito. Posteriormente José se tornaria o primeiro ministro no Egito.

Em um tempo de escassez de alimentos e com o auxílio de José, seu pai Israel e o restante da família desceram para o Egito. Ulteriormente o povo israelita passa a ser conhecido como hebreus. Nesse período José, seus irmãos e pai já estão mortos. Esse povo cresce gerando receio no governo do Egito que torna os hebreus como escravos por um período de 430 anos.

Nasce Moisés que se tornou libertador do povo hebreu da escravidão do Egito, um precursor daquilo que Jesus faria – libertar as pessoas do jugo do pecado. Após a libertação do Egito, com a morte de Moisés, o povo passa a ser liderado por Josué. Posteriormente o povo passa a ser dirigido por juízes. O povo pede um rei, pois as nações vizinhas tinham reis. Dentre os reis, temos Saul, Davi, Salomão. Após a morte de Salomão o reino se divide em dois, que ficam conhecidos como o reino de Israel e o reino de Judá. Vários reis de ambos os lados sobem ao trono. Era também um período de aproximação e de afastamento de Deus. Quando as coisas estavam bem, eles se afastavam de Deus; quando pioravam, recorriam ao socorro divino.

Nesse período um rei de Israel por nome Acabe fez “o que era mau aos olhos do Senhor, mais do que todos os que foram antes dele” (assento encontrado no primeiro livro de Reis, capítulo 16, versículo 30). O povo havia se afastado de Deus e estavam seguindo a



deuses pagãos. Nessa mesma época havia um profeta por nome Elias – o Elias referido pelos discípulos de Jesus no texto bíblico acima transcrito. Elias convoca a todo o povo em um lugar chamado monte Carmelo para provar quem seria o verdadeiro deus, se o Deus de Israel ou Baal um dos deuses pagãos.

De um lado estava Elias – profeta de Deus – e do outro lado 450 profetas de Baal. O teste se baseava em cada “lado” preparar um novilho para o holocausto. Cada um invocaria o seu deus. O deus que enviasse fogo do céu e consumisse o holocausto seria o verdadeiro deus. Mais uma vez vemos a disputa religiosa em cena.

Em conformidade com os relatos bíblicos os profetas de Baal teriam clamado muitas e muitas horas e nenhuma resposta se ouviu por parte do deus deles. Elias orou e Deus enviou fogo do céu e consumiu, não somente o novilho, mas tudo o que estava no altar (lenha, pedras).

Após esse episódio Elias mata a todos os profetas de Baal. Um homem sozinho consegue exterminar com 450 homens, conforme relatos bíblicos. A disputa religiosa se tornou em guerra religiosa. A memória desse fato leva aos discípulos de Jesus – no texto outrora apresentado – a quererem agir da mesma forma. Todavia, Jesus disse que não era para fazer assim, pois Jesus “o Filho do homem não veio para destruir as almas dos homens, mas para salvá-las”. Paulo – apóstolo de Jesus – leciona na carta aos efésios, capítulo 6, versículo 12 que “não temos que lutar contra a carne e o sangue, e, sim, contra os principados, contra as potestades, **contra os poderes deste mundo tenebroso**, contra as forças espirituais da maldade nas regiões celestes” (grifamos), tendo o próprio Cristo proferido: “Ouviste que foi dito: amarás o teu próximo, e odiarás o teu inimigo. Eu, porém vos digo: **amai a vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem**” (grifos nossos) contido no Evangelho narrado por Mateus, capítulo 5, versículos 43 e 44.

Vemos então que a guerra de sangue também está presente na Bíblia, embora a Portas Abertas se filie, hoje, aos sentidos de uma guerra sem sangue.

Como, em tese, o Brasil não persegue aos cristãos, para a revista Portas Abertas não haveria perseguição aos cristãos brasileiros. Contudo, a Revista utiliza suas páginas mostrando que em outras partes do mundo, principalmente na Janela 10-40, os cristãos não gozam da mesma prerrogativa de conviver pacificamente com outros grupos religiosos.

“A Portas Abertas apoia líderes cristãos perseguidos no Brasil?

O tipo de perseguição que está no foco do trabalho da Portas Abertas não se refere **a casos individuais**, a não ser que este caso tenha um sistema político ou um grupo agindo nos bastidores para inibir a expansão do cristianismo.

[...]

O foco do nosso trabalho é agir nos locais onde não há liberdade de culto. É agir em locais onde os cristãos estão sendo privados de direitos fundamentais, como o acesso à justiça, à água, à luz, à comida, entre outros, **por motivos religiosos**. PE agir em locais onde eles são vigiados e ameaçados, é agir em locais onde eles correm risco de morte ou prisão e a Igreja local vive em ameaça de extinção. **Esse não é o caso do Brasil.**” (PORTAS ABERTAS, vol. 29, n. 11: 5 – com grifos nossos).

A revista Portas Abertas evidencia em seu *slogan* “Servindo Cristãos Perseguidos” que as matérias inseridas na Revista abordam, de alguma forma, a perseguição aos cristãos. Cristãos estes que não estão aqui no Brasil, mas em outras partes do Planeta. A perseguição não é qualquer perseguição (não é caso individual) e essas outras partes do planeta não são quaisquer partes. A perseguição que o texto da revista constrói é a por motivos religiosos, mas ela não diz diretamente quem é o perseguidor, apesar de dizer onde a perseguição se dá e quais as religiões estão funcionando ali.

Ao textualizar o *slogan* a revista Portas Abertas promove o discurso da convocação para a causa trazida pela Revista que está ligada ao – evangelho, aos cristãos que já foram perseguidos segundo a Bíblia.

“A Portas Abertas continuará sendo um canal de bênção no envio de Bíblias **para nossos irmãos que sofrem perseguição**. Mas precisamos **da sua ajuda** para armarmos esse exército e capacitá-lo para esta guerra” (PORTAS ABERTAS, vol. 26, n. 6: 11 – grifamos).

Quando fala em armar e capacitar para a guerra, trata-se de cada “soldado de Cristo” possuir uma Bíblia que também é conhecida como “Espada do Espírito” daí a analogia com arma, tratando-se de uma batalha espiritual a ser travada.

Ademais a luta não é contra carne e o sangue. “A Portas Abertas não envia missionários. Seu compromisso é fortalecer a Igreja Perseguida para que ela mesma seja capaz de evangelizar sua comunidade. **Só você** pode nos ajudar a alcançar esse objetivo!” (PORTAS ABERTAS, vol. 26, n. 9: 6 – com grifos nossos).

A revista apresenta, também, o seguinte material linguístico:

- a) Eu;
- b) Você (tu) – que é o leitor;
- c) Ele (amigo) que pode ser “você” ou “nós”.

Mas não se resume a apenas essas pessoas. O volume 30, número 5 traz como tema mensal “Pastores da Igreja Perseguida”, onde, excepcionalmente, o enunciado textualizado sofreu uma deriva; a frase “indique um amigo” foi substituída por “indique um pastor” que pode ser visto como “ele” que também pode ser “você” ou “nós”. Embora outro termo tenha

surgido – pastor – o processo parafrástico (ORLANDI, 2012) continua presente. O pastor pode ser amigo; o pastor, com certeza, é irmão; o pastor pode vir a ser multiplicador, pois ao se envolver com a causa, pode compartilhá-la com a Igreja a qual está à frente, pois este discurso é “aquele em que fala a voz de Deus” (ORLANDI, 2001:43) tendo a palavra (sinônima de Sagradas Escrituras) um poder privilegiado entre o homem e Deus.

No discurso religioso o pastor é representante de Deus “devemos lembrar que ser representante, no discurso religioso, *é estar no lugar de*, não é estar no *lugar próprio*” (ORLANDI, 2001: 252). O pastor fala no *lugar de Deus* e não no *lugar de pastor*. Falar no *lugar de* não quer dizer ser Deus, embora muitas pessoas tenham não somente assumido o *lugar de*, mas a própria pessoa do lugar. O discurso da convocação apresenta ao pastor da Igreja Livre a perseguição sofrida por seus irmãos, colegas de ministério – pastores – sob perseguição.

Esse chamamento promove uma ruptura na Instituição Igreja. A Igreja Cristã é formada pelos membros seguidores de Cristo. Como nem todos são perseguidos acarreta uma cisão nesse todo – Igreja – pois parte dela é perseguida. A essa parte denominar-se-á “Igreja Perseguida” e a parte que não sofre perseguição será conhecida como “Igreja Livre”.

Embora a Organização Portas Abertas esteja atuando junto à “Igreja Perseguida” o que fica mostrado é “cristãos perseguidos”. Ainda que essa pluralidade de membros componham a Igreja Perseguida, há a necessidade de individualizar. A individualização vem por intermédio da nomeação “cristãos” e que ao silenciar a Igreja Perseguida se torna não-dito com efeito de pré-construído. Só existe a Igreja Perseguida porque existem cristãos perseguidos. Só existem cristãos perseguidos porque fazem parte da Igreja, que na Janela 10-40 é perseguida, pois, de acordo com os argumentos mobilizados pela organização, essa região não goza de liberdade religiosa.

O cristão é perseguido porque se converteu ao cristianismo em um espaço que não tem liberdade religiosa. A “intolerância religiosa” é outro forte argumento que sustenta esse lugar de cristãos perseguidos. A Revista constrói o lugar da perseguição. Em nenhum momento ela – a Revista – funciona como Igreja. Da mesma maneira que a Bíblia não é Igreja, mas relata “notícias” dessa Igreja, a revista Portas Abertas não é Igreja, mas promove acesso às notícias veiculadas sobre a Igreja que nos dois espaços – Bíblia e Revista – sofre perseguição porque os adeptos da Igreja são perseguidos.

Jesus, tempos antes já havia avisado a respeito da perseguição à Igreja. “Então vos hão de entregar para serdes atormentados, e vos matarão. Sereis odiados de todas as nações por causa do meu nome” (Evangelho escrito por Mateus, capítulo 24, versículo 9). Em outro

lugar, Jesus disse: “Lembrai-vos da palavra que vos disse: não é o servo maior que o seu senhor. **Se eles me perseguiram, também vos perseguirão**” (Evangelho narrado por João, capítulo 15, versículo 20 – com grifos nossos).

A perseguição é mais que um fato; é um argumento para a Revista sustentar o discurso da perseguição aos cristãos.

A circulação da revista *Portas Abertas* é adstrita ao público cristão e, em especial, a linha evangélica – termo que sofreu uma deriva uma vez que seu início reporta-se aos protestos contra as ações da Igreja Católica Romana, originando o termo “protestantes”. Ao utilizar evangélicos silencia os protestos outrora efetuados.

Temos, portanto, que a revista *Portas Abertas* é dirigida, em especial ao público cristão-evangélico e, indiretamente, ao amigo. “Enquanto **nossos irmãos** tiverem de enfrentar a perseguição, nosso objetivo será levar até a sua casa o clamor deles por meio desta revista” (*PORTAS ABERTAS*, vol. 26, n. 9: 11- com grifos nossos). A revista *Portas Abertas* se apresenta como porta-voz dos cristãos perseguidos.

Sendo leitores-cristãos-evangélicos o leitor imaginário da revista, torna mais fácil a resposta ao discurso da convocação. Essa convocação é para assinar a revista *Portas Abertas* e ser edificado/abençoado. “Em seus 30 anos de existência, a Missão *Portas Abertas*<sup>46</sup> tem disponibilizado aos seus parceiros materiais que ajudam na compreensão da Igreja Perseguida, abençoando leitores e personagens reais” (*PORTAS ABERTAS*, vol. 26, n. 11: 15). Acontece que só é edificado quem é “irmão”. O “amigo” não será edificado a menos que ser torne irmão. A edificação está ligada a edifício/construção. Ao corpo – igreja/membros.

A edificação está na Revista, ela promove um “discurso de escambo”: Adquira a Revista e seja edificado. Como ser edificado com a perseguição aos cristãos? Como ser edificado com a perseguição aos não-cristãos, pela Revista? A tensão é contraditória; está em ambos os lados.

Para compreendermos essa analogia sobre a edificação do corpo, precisamos retomar os ensinamentos de Jesus. Jesus quando ensinava, o fazia utilizando-se de parábolas – tida como analogia, movimento alegórico – para sedimentar suas lições. Em determinado momento ele comparou seus discípulos ao sal e à luz, dizendo:

**“Vós sois o sal da terra. Mas se o sal se tornar insípido, com que há de se salgar?  
Para nada mais serve senão ser lançado fora e pisado pelos homens. Vós sois a luz**

---

<sup>46</sup> Missão *Portas Abertas* é o nome da organização brasileira responsável pela revista *Portas Abertas* editada no Brasil e atua juntamente com a *Open Doors International*.

**do mundo.** Não se pode esconder uma cidade edificada sobre um monte” (assento extraído do evangelho narrado por Mateus, capítulo 5, versículos 13 e 14 – com grifos nossos).

Cada membro da igreja edificado promove o crescimento do corpo de Cristo que é a própria igreja Dele. A revista Portas Abertas utiliza essa analogia para mostrar que o sofrimento dos cristãos perseguidos promove conscientização aos cristãos não-perseguidos os quais irão se comprometer com a causa, sendo edificados espiritualmente falando, pois cada irmão é irmão de uma Grande Família cujo Pai é Deus, tendo como irmão mais velho Jesus, o primogênito de Deus.

Com relação ao amigo, amigo não edifica o corpo. Amigo conhecerá o corpo. Amigo poderá vir a edificar se tornando irmão. Inclusive, esse amigo ocupará outro lugar de significação – o novo discurso religioso sobrepondo ao discurso religioso existente/funcionando no “amigo”. Aí sim, esse amigo, provavelmente não-cristão – se o fosse seria “irmão” e não “amigo” – poderá vir a se tornar “cristão” e ser edificado. Quando falamos discurso existente estamos pensando em um discurso religioso funcionando antes do discurso religioso cristão evangélico, pois até mesmo sendo ateu está sendo afetado pelas discursividades que funcionam na revista Portas Abertas mesmo que não se filie a elas.

Percebemos outra variante no espaço significativo da revista Portas Abertas. Aqui temos o discurso da evangelização. Evangelização que acarreta a edificação. Só é edificado quem é cristão/irmão. O não-cristão pode ser sensibilizado, mas não edificado, pois ele não está no corpo.

A Igreja Primitiva nasceu sob perseguição conforme apontamos mais acima. Sua gênese foi estribada nos ensinamentos de Jesus. Antes mesmo de sua morte a perseguição já havia sido enfatizada por ele.

Após essa análise, passaremos a discorrer sobre o sentido de perseguição.

#### **4.6 Portas abertas: sentido de perseguição**

Após explanarmos algumas laudas sobre perseguição nos apoiaremos em construções parafrásticas para continuar a análise.

Servindo cristãos perseguidos

a) Ajudando cristãos perseguidos

- b) Apoiando cristãos perseguidos
- c) Auxiliando cristãos perseguidos
- d) Socorrendo cristãos perseguidos

Abaixo trazemos o recorte da capa da Revista situando o leitor.



Figura 11  
Recorte da capa da revista Portas Abertas, volume 30, número 12.

Em outro lugar informamos que o Novo Testamento foi escrito na língua grega. Neste idioma, nos tempos bíblicos, duas palavras eram utilizadas como correspondente de “servir” em português. Tem-se, *diakoneō* que significa ministrar, auxiliar. Esta palavra é cognato de *diakonos* tido como criado. Esta palavra encara o servo em relação ao seu trabalho. Desta originou o termo diáconos em português. Diáconos, atualmente, são aqueles que estão incumbidos dos serviços dentro das igrejas os quais compreendem recepcionar as pessoas durante o culto, cuidar das crianças. Enfim, auxiliar na desenvoltura da reunião de cultos.

Além de *diakoneō* era empregada *douleuō* significando servir como *doulos*. *Doulos* encara o servo em relação ao seu mestre. É um adjetivo que denota “em escravidão”. Mas também “é usado como substantivo, e na função de palavra mais comum e geral para se referir a ‘servo’, indicando frequentemente sujeição sem a ideia de escravidão” (DICIONÁRIO VINE, 2006: 991).

Desta maneira, dos verbos elencados acima, parece-nos mais propício o verbo “servir” demonstrando a questão da servidão cristã – sentido de servo de Cristo. O discurso da convocação tem uma resposta mais efetiva ao utilizar o verbo “servir” por conta da memória bíblica apontada nos exemplos deixados por Jesus.

O verbo está no gerúndio mostrando uma ação continuada: servindo. Uma servidão constante.

Também podemos construir

- a) Servindo islamitas convertidos ao cristianismo
- b) Servindo budistas convertidos ao cristianismo
- c) Servindo hinduístas convertidos ao cristianismo

Ao substituir a etnia religiosa acarreta o efeito individualizante; quando mantendo “cristãos” proporciona o efeito missionário: universalizante. O evangelho é “inclusivista”, ou seja, inclui; não é “exclusivista” – aquele que exclui.

E por fim, podemos assinalar:

- a) Servindo **JESUS** perseguido

Essa formulação também funciona no texto da revista portas abertas:

“em casos de perseguição contra a Igreja, a ação é contra Jesus. Quem, de fato, está sendo perseguido é o próprio Cristo. Foi isso o que Ele disse a Saulo (depois chamado Paulo) quando este ia a Damasco prender os cristãos: ‘eu sou Jesus, a quem você persegue’ (Atos 9:5)” (PORTAS ABERTAS, vol. 26, n. 8: 4).

Assim, o texto também constrói um sentido de que a perseguição é contra Jesus e não somente contra os cristãos. Ao construir o lugar do perseguido, que é preenchido por “cristão” e “Jesus”, a revista dá um sentido específico à palavra perseguição. Esse sentido também é especificado pela construção do perseguidor, mesmo que o perseguidor não seja apontado diretamente. O enunciado pode ser “Servindo cristãos perseguidos” como se isso fosse suficiente. Por que não é possível para a revista completar a formulação: “Servindo cristãos perseguidos por...?” Por que o perseguidor não pode ser apontado diretamente?

Nesse espaço de significação, apaga-se a possibilidade de pensar na revista como aquela que também realiza algum tipo de perseguição. O perseguidor é construído pela Revista a fim de sustentar o seu discurso. Ao exteriorizar “Servindo cristãos perseguidos” a organização evidencia que ela – organização – é a porta aberta para que outros cristãos/amigos a utilizem em prol dos perseguidos que ela mesma construiu.

Desta forma, poderíamos imaginar uma revista atravessada pela ideologia budista/hinduístas com o seguinte *slogan*: “encarnações abertas – servindo budistas/hinduístas perseguidos” e ainda “mesquitas abertas – servindo muçulmanos perseguidos”. Por se tratar de uma luta ideológica em que ocorre a resistência de ambos os lados de maneira contraditória, sempre haverá perseguidores e perseguidos.

## 5 CONCLUSÃO

A última parte de um trabalho recebe o nome de conclusão. E aqui nos encontramos nesta fase final. Assim, estamos dando, neste momento, início à última demão nestas linhas.

O objetivo de toda pesquisa é possibilitar um acréscimo ao saber e com este aprender algo. Depois do percurso, até agora realizado em cima do tema, pudemos verificar a riqueza patrocinada pelo aprendizado. A possibilidade de escrever é um privilégio de poucos, principalmente porque poucos são os que trilham o caminho da pesquisa. Em um país de proporções continentais, o conhecimento está mais em produzir simulacros que imagens. Isto sem falar em como é oneroso estudar nesta Nação.

A pesquisa possibilitou refletir sobre como o discurso religioso promove ações em resposta à convocação promovida por aquele. Tanto o cristianismo quanto o islamismo convocam os seus adeptos a ingressarem em uma luta em prol da expansão dessas religiões. A luta travada possibilita um campo de produção de sentidos onde se evidencia a ideologia que atravessa cada discurso, cada formação discursiva.

Como o *corpus* da presente pesquisa é uma Revista atravessada pela ideologia cristã-protestante, as reportagens vertem um discurso convocativo, evangelístico.

Pudemos perceber que a perseguição aos cristãos não é de hoje. A Bíblia retrata essa questão desde há muito tempo. O mesmo pode acontecer com outras religiões onde seus seguidores são perseguidos por diferentes seguimentos religiosos. Inclusive no passado os cristãos foram ferrenhos perseguidores que “obrigavam” as pessoas se converterem aos seus ensinamentos.

Para a revista *Portas Abertas*, o perseguidor é o outro que não é nomeado, ou que não é nomeado diretamente. A partir do momento em que o perseguidor é nomeado fica mais fácil identificá-lo; mas fácil “combatê-lo”. Mas quando o perseguidor/inimigo não é nomeado todos passam a ser potenciais perseguidores. Não, não se trata de um perseguidor, mas é um perseguido, ou seja, é um cristão.

A perseguição nos tempos bíblicos era de forma diversa da perseguição enfrentada hodiernamente. Naquela época a perseguição era exercida, por exemplo, para conter o avanço do evangelho<sup>47</sup>. Hoje, a perseguição é feita através da religião que, incendiada pela cultura capitalista, busca novos adeptos para contribuir com os volumosos orçamentos

---

<sup>47</sup> Outro tipo de perseguição é o da Inquisição, que perseguia aqueles que ameaçassem a Igreja.



que esse ramo social movimentava todo ano. Ainda podemos pensar na perseguição para conquistar mercado consumidor dos bens produzidos pelo capitalismo. Uma mulher muçulmana muito provavelmente não se vestirá de calças *jeans* e outros adereços oriundos do mundo ocidental.

Assim, encerramos essa pesquisa, tendo em mente que o estudo aqui apresentado sobre o discurso religioso da revista *Portas Abertas* é apenas a porta aberta para outros estudos. Há ainda pontos a serem dados; nós a serem desatados cabendo ao tempo a missão de apresentar esse deslinde do novo. Sem deixar de considerar que esse novo da linguagem, por sua opacidade, é um novo sem fim.

## 6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos de Estado**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Palavra, fé, poder**. Campinas: Pontes, 1987a.
- \_\_\_\_\_. **O Discurso Religioso**. In: A Linguagem e seu Funcionamento. As Formas do Discurso. Campinas, SP: Pontes, 1987b.
- \_\_\_\_\_. **Silêncio e implícito (produzindo a monofonia)**. In: Guimarães, Eduardo (org.). *História e sentido na linguagem*. Campinas, Pontes, 1989.
- \_\_\_\_\_. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 4ª Ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Maio de 1968: os silêncios da memória**. In Papel da memória. Campinas: Pontes, 1999.
- \_\_\_\_\_. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. Campinas: Pontes, 2001a.
- \_\_\_\_\_. **Discurso e texto: formulação e circulação de sentidos**. Campinas: Pontes, 2001b.
- \_\_\_\_\_. **Tralhas e troços: o flagrante urbano**. In: ORLANDI, E. P. (org.). *Cidade atravessada: os sentidos públicos no espaço urbano*. Campinas: Pontes, 2001c.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Leitura: perspectivas interdisciplinares**. 5ª ed. São Paulo: Ática, 2004a.
- \_\_\_\_\_. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. 4ª ed. Campinas: Pontes, 2004b.
- \_\_\_\_\_. **Discurso e leitura**. 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2006a.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. GUIMARÃES, Eduardo. **O conhecimento sobre a linguagem**. In: PFEIFFER, C. & NUNES, J. (orgs) *Introdução às Ciências da Linguagem. Linguagem, História e Conhecimento*. Campinas: Pontes, 2006b.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Terra à vista**. 2ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Língua imaginária e língua fluida**. In: *Língua brasileira e outras histórias*. Campinas: Pontes, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 9ª ed. Campinas: Pontes, 2010.
- \_\_\_\_\_. **Discurso em análise: sujeito, sentido, ideologia**. Campinas: Pontes, 2012.
- PÊCHEUX, Michel. **Delimitações, inversões, deslocamentos**. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos (19): 1-179, jul/dez*. Campinas: Editora Unicamp, 1990.

\_\_\_\_\_. **Semântica e discurso**. 1ª reimp. Campinas: Editora Unicamp, 2010.

SCLIAR, Moacyr. **Judaísmo – dispersão e unidade**. São Paulo: Editora Ática, 1994.

TAPAJÓS, Vicente. **História geral**. São Paulo: Editora Lisa, 1972.

Bíblia de Referência Thompson, 13ª impressão. São Paulo: Editora Vida, 2000.

Dicionário Vine / Thomas Nelson; tradutor Luís Aron de Macedo. 6ª ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2006.

Manual Bíblico Vida Nova / Editor geral: David S. Dockery; tradução Lucy Yamakami, Hans Udo Fuchs, Robinson Malkomes. São Paulo: Vida Nova, 2001.

O Novo Comentário da Bíblia / Editor F. Davidson; colaboradores A. M. Stibbs, E. F. Kevan; editado em português por Russell P. Shedd – 3ª ed. São Paulo: Vida Nova, 1997.

## 7 WEBGRAFIA

Bibliapedia – <http://www.bibliapedia.com.br/dicionario/Sarai/>

Centro de Pesquisa e Estudos da Linguagem –  
<http://www.cpelin.org/estudosdalinguagem/n1jun2005/artigos/orlandi.pdf>

Centro de Pesquisas Religiosas – [http://www.cpr.org.br/Religoes\\_Mundiais.pdf](http://www.cpr.org.br/Religoes_Mundiais.pdf)

Josué Martins – <http://www.josuemartins.com.br/janela.asp>

Mapas Missionários – <http://pt.scribd.com/doc/81227698/Mapas-Missionarios-Janela-10-40>

Mission Infobank – <http://www.missioninfobank.org/>

Missão Portas Abertas – <http://www.portasabertas.org.br/vo/>

Open Doors International – <http://www.opendoors.org/>